Revista da Semana

ANNO XXIX -- N. 19

28 de Abril de 1928

ESTA REVISTA CONTEM 44 PAGINAS

ANNO XXIX | Rio de Janeiro, 28 de Abril de 1928 | NUMERO 19

QUANDO levantei o vôo do Campo dos Affonsos, pilotando o meu excellente "S. 4", de 200 H. P. para bater o *record* da permanencia no ar, jamais me passára pela mente que ao planar, de novo, sobre aquelle logar, encontrasse o mundo tão espantosamente mudado. Voei durante 72 horas e 15 minutos, e só baixei á terra quando senti que a ultima gotta de oleo de naphta estava prestes a ser queimada. Um grande silencio me acolheu na terra, e um espectaculo pavoroso desvendou-se aos meus olhos, fazendo-me acreditar, por momentos, que estava sendo victima de um angustiante pesadello.

A face da terra fôra subvertida por impressionante cataclysmo, e era, toda ella, cavada de abysmos ou alteada de picos de granito, numa deformação geographica radical e sombria. Se os apparelhos de avião não assegurassem a certeza da minha volta ao campo de partida, jamais o teria reconhecido porque, onde fôra a cidade era, agora, um montão confuso de rochas fragmentadas, de montanhas partidas, de arvores apodrecendo ao sol por entre restos de edificações e vigas de aço núas. A bahia fôra soterrada, e, no ponto onde devia estar o Pão de Assucar, agora eram tres immensos blocos de granito de fórma conica e aggressiva. Parecia que toda a humanidade havia perecido sob os escombros do mundo civilisado e só então, em verdade, me lembrei de que um sacerdote do seculo VX havia predito o fim do mundo para o anno em que estavamos. Como o propheta sobre as ruinas de Jerusalem, chorei, por muito tempo, a destruição do mundo, e, depois, para ver se ainda restavam resquicios de vida na face da terra, enchi os tanques do meu "S. 4" e durante varios dias cortei a face dos ares e cobri as carcassas immensas dos continentes.

Desgraçadamente, a trepidação do meu apparelho era o unico rumor de vida na face da terra — se era vida o escachoar surdo dos mares que haviam invadido os continentes, e mudado por completo a physionomia geographica do mundo. As aguas, como que sujas dos fluxos e refluxos successivos, tinham um côr estranhamente verde e triste. No meio do Atlantico surgira um novo continente, que me fez lembrar as mysteriosas palavras de Platão acerca da hypothetica Atlantida. Onde devia ter sido a Europa (Paris com os seus *boulevards* amaveis, Berlim com os seus parques frescos, Londres com a cortina densa do *fog*...) eram blócos de granito e montões de terra, de onde saíam, aqui e alli, fumos sulfurosos de cratéras vulcanicas. Um grande pavor apoderou-se de mim ao ver-me sosinho naquelle cemiterio universal onde apodreciam, entre o lôdo e o silencio de tudo, os vestigios das civilisações e dos seculos. Com receio de que se acabasse o meu oleo de naphta (de que encontrára um pequeno *stock* antes da minha partida) resolvi descer sobre o que me pareceu uma ilha perdida no meio das aguas, no logar onde fôra o Pacifico.

Durante alguns dias deixei-me ficar á sombra de alguns coqueiros de cujos fructos me alimentava providencialmente. Uma manhã, ao acordar, senti que alguma cousa como se fosse uma mão humana me roçava docemente a barba. Abri os olhos e tive, nessa manhã, a maior alegria que já houve no mundo. Era uma mulher, uma rapariga de 18 annos no maximo, que me acordava para a vida e para a esperança. Como um louco, beijei-lhe as mãos balbuciando phrases de alegria na minha propria lingua e só depois de alguns momentos é que comprehendi que ella não entendia aquelle idioma. Era ingleza, e falava um francez de escola secundaria com que nos entendemos ás mil maravilhas. Contou-me que tambem estava fazendo um grande vôo de altura quando o mundo acabara. Ao descer á terra, o motor de seu apparelho tivera uma *panne* e ella se vira, de repente, sobre a barquinha do hydro-avião em pleno mar, num mundo defunto. Dêra á costa naquella ilha e estava, já, desesperançada de encontrar alguem vivo quando, viajando em direcção ao ponto opposto da ilha, viera a dar commigo á sombra daquellas palmeiras.

A alegria que esse encontro produziu em nossos corações foi indescriptivel. Como Adão e Eva, sentimos, naquella ilha deserta, as divinas sensações do paraiso. Em breve eu sabia falar inglez melhor do que Shakespeare e ella repetia, de cór, longas estrophes dos "Lusiadas", que eu lhe ensinara. Dominados por um egoismo brutal, não nos recordámos, sequer, de que poderiam existir, nalgum ponto longinquo da terra, outras creaturas humanas entregues a si mesmas, dispostas, talvez, a deixar para sempre o mundo deserto. Mas, os dias passaram, lentos e mudos como a Eternidade. Minados, aos poucos, pelo tédio, eu e *miss* Mary Andrews (era assim que ella se chamava) chegámos a aborrecermo-nos de morte. A ilha, que a principio fôra um Eden, tornou-se, para nós, um misero ponto perdido na immensidade de um mundo destruido. Faltava-nos o ar, e a presença de um pesava na athmosphera do outro como se em torno de ambos se fizesse, subitamente, o vacuo. Terrivel ironia do destino! Eramos os unicos sobreviventes da catastrophe universal e, ao invez de nos amarmos como naufragos de uma mesma catastrophe, sentiamos que a Terra era demasiado pequena para nós dous. Como precitos do inferno dantesco, estavamos condemnados a ver-nos a todo momento, e sentiamos, ambos, uma alegria profunda ao approximar-se das sombras da noite: porque ellas desciam sobre as nossas almas corroídas de tedio como um manto de misericordia e de insensibilidade...

Uma manhã, já o sol bailava na face do mar, quando acordei e senti que estava só. Corri ao logar onde deviam estar os apparelhos e vi que o meu "S 4" havia desapparecido. Era evidente que *miss* Mary havia fugido com o meu poderoso 200 H. P. Para vergonha minha, senti, apenas, a falta do apparelho. E tocado pelo mesmo angustiante desejo de correr mundo que acordára a alma fria de *miss* Mary, puz-me a reparar, febrilmente, o apparelho que ella deixára quasi desarvorado. Encontrei uma caixa de ferros e, depois de alguns dias de incessante trabalho, vi, com immensa alegria, que estava apto a fazer-me ao largo. Parti a 200 kilometros a hora, sentindo que a brisa da manhã me afagava a face — que era rude e cheia de barba como a de um macaco ancestral. Depois de 26 horas de vôo, notei que pairava por cima de uma região respeitada, em grande parte, pelo cataclysmo universal. Seria, outrora, a alta escarpada de uma montanha quasi inattingida pelas aguas revoltas. Desci, procurando um logar plano que permittisse bôa atterisagem. A região em que me achava era de estonteante belleza. As arvores, de um verde cantante, respiravam, largamente, o oxygenio creador. Fructos macios e doirados como os pessegos, pendiam das arvores maravilhosas. Ao lado, um regato sussurrava brandamente, num queixume liquido. O meu corpo, banhado daquelle ambiente morno, estremecia, deliciado, no aritegoso da agua cantante, que brotava proximo. Corri para a nascente, e ia atirar-me a suas aguas, despido e claro, como um fauno civilisado, quando ouvi uma voz humana. Attentei o ouvido. Eram notas graciosas de uma cançoneta londrina. Corri, antevisando mais um sobrevivente da catastrophe que envolvera o mundo. Detive-me, num assombro. Era *miss* Mary, que, toda enfeitada de flôres, se mirava, descuidada, á margem do regato, numa curva do seu curso tranquillo.

— Mary! Que fazes aqui?

Ella levantou os olhos e, displicente e fria, respondeu, ao reconhecer-me.

— Eu?... Sim, é verdade. Tambem... procuro uma mulher.

Ella pareceu meditar um momento, e, depois suspirando como se reconhecesse a impossibilidade de nos amarmos de novo, fugiu em direcção ao seio da floresta, como uma corça espantada pelo caçador imprudente.

Meia hora depois, dous aeroplanos percorriam, em sentido opposto, a face triste da terra. E eram como dous abutres que rondassem por sobre um immenso cemiterio em ruinas...

O ABYSMO CONJUGAL

Conto de ADRIEN VÉLY

Havia grandes festas no palacio do Califa Molkar para recepção da sua futura esposa, Princeza Latifé. O aparecimento desta, á frente da caravana que a escoltava, tinha provocado na côrte verdadeiro enthusiasmo. A princeza era duma belleza e graça extraordinarias. E o Califa declarou que pela primeira vez se sentia verdadeiramente apaixonado — o que não fez sorrir os cortezãos, porque todos lhe votavam o mais profundo respeito.

O programma comportava os espectaculos mais sumptuosos e mais variados: dansas, corridas de camelos, exercicios militares, praticas de feiticeiros e fascinadores de serpentes, etc., etc. E a princeza acompanhava tudo isso com olhos cheios de admiração.

Durante um dos intervallos necessarios para que os assistentes descançassem das emoções causadas por tantas maravilhas, Latifé pediu permissão ao seu augusto noivo para visitar o palacio que lhe ia servir de habitação, e no qual ella contava passar tão ditosos dias... Molkar accedeu de bom grado a tal desejo. E começou a visita.

Atravessaram a sala do throno resplandecente de espelhos e dourados; outros recintos, com moveis cravejados de pedrarias e tapetes de valor incalculavel; frescos e claros pateos interiores onde os repuchos faziam um murmurio encantador... Quando passavam por um gabinete contiguo ao quarto de dormir que lhe era destinado, reparou a princeza numa porta de acanhadas dimensões, que os serviçaes não abriam como tinham aberto todas as outras.

— E esta porta? perguntou ella. — Não se abre?

— Não vale a pena... respondeu Molkar.

— Sendo, porém, estes os meus aposentos, insistiu ella, é natural que eu deseje conhecer todas as divisões...

— E' uma porta sem serventia nenhuma...

— Para que a fizeram então?

— Uma fantasia do architecto... Vinde, princeza.

— Despertastes-me a curiosidade. Desejava saber o que ha para além daquella porta.

— Por quem sois, princeza... Passemos adiante.

— Está bem, senhor. Não insistirei.

De repente, porém, sem dar tempo a que a detivessem, a Princeza Latifé precipitou-se para a porta e abriu-a. Soltou um grito, recuou, com os olhos esgazeados. A porta dava para um despenhadeiro a pique, ao fundo do qual bramia uma furiosa torrente. Ampararam a Princeza, que desmaiava. Durante alguns momentos, não deu ella acordo de si. Quando recuperou os sentidos, e em voz apagada, que tremia ainda, perguntou-lhe:

— Por que me não prevenistes do perigo de abrir aquella porta?

Molkar não respondeu palavra. A princeza insistiu:

— E para que fim se encontra nos meus aposentos, ao alcance da minha mão, uma porta tão perigosa?

Molkar córou ligeiramente e continuou a não responder. Mas então uma voz se fez ouvir, a voz duma mulher já destituida dos attributos da mocidade e que estava á frente dum grupo doutras mulheres mais ou menos edosas.

— Para um dia, Latifé, se abrir talvez deante de ti...

Mais uma vez a princeza se voltou para o Califa, interrogando-o com o olhar.

— Pois bem, princeza... disse elle. — Já que me poem, por assim dizer, na obrigação de fallar, ides ser informada. Esta porta foi mandada abrir por um dos meus antepassados... Era por ahi que elle mandava atirar ao despenhadeiro as esposas que faltassem aos deveres para com elle contrahidos...

A princeza, que voltara inteiramente a si, alteou a cabeça e ponderou :

— Se essa porta funcciona ainda, é de suppor que os successores do Califa de que fallastes, tenham continuado a fazer a certas esposas o que elle fazia...

Molkar baixou a cabeça...

— E de certo, proseguiu a princeza, vós mantendes essa bella tradição...

Molkar voltou o rosto, numa confissão muda. A princeza deu um passo para elle e, em tom interrogativo mas respeitoso :

— Ser-me-á licito perguntar-vos se muitas das vossas esposas têm passado por esta porta?

— Algumas... respondeu Molkar, sem coragem de erguer os olhos.

— Supponho, porém, que houve tambem algumas que não passaram...

— Com effeito...

— Onde estão ellas?

— Alli.

E Molkar apontou o grupo das mulheres edosas.

— Comprehendo... disse Latifé, com um sorriso. — Mas, senhor, dizei-me ainda outra coisa. As desgraçadas que soffreram este castigo horrivel, sabiam, ao casar comvosco, o perigo a que se expunham se faltassem aos seus deveres?

— Entendi que era dever de lealdade prevenil-as...

— Singular maneira de se fazer amar... E, sem duvida, o horror que lhes inspirastes foi enorme, pois que, sabendo o fim que as esperava, nem por isso deixaram de faltar aos seus deveres!

— Isso mesmo eu reflecti, princeza... E eis porque resolvi nada vos dizer a tal respeito.

E se, um dia, por inadvertencia, eu abrisse aquella porta, como acabo de fazer, e, menos feliz do que fui agora, padecesse, innocente, o castigo reservado ás criminosas? — E com lagrimas a saltarem-lhe dos olhos, a princeza acrescentou: — Melhor será acabar com isto duma vez!

Deu um passo para a porta. Detiveram-na.

— Como podeis esperar, senhor, que eu vos ame? acrescentou ella, soluçando. — Como podereis acreditar na minha sinceridade, desde que eu sei — e vós sabeis que eu sei — das abominaveis precauções que tomastes a meu respeito?

— Oh! princeza, eu não vos conhecia! exclamou Mokar num transporte de paixão. — Vou mandar murar essa porta!

— Ai de mim! E sereis por isso menos ciumento?

— Ai de mim! Não sei...

E numa voz e com um olhar que pareciam implorar piedade:

— Que hei de fazer? Não posso mandar murar tambem o coração...

ESCOLA PARA PAPAGAIOS

Ha em San Fernando, Venezuela, uma escola para papagaios, á qual, segundo parece, não faltam alumnos, quer internos quer externos.

Trata-se, naturalmente, de ensinar os papagaios a fallar, ou, pelo menos, a articular os sons que imitam a linguagem humana. O ensino é ministrado por meio dum gramophone que repete as palavras aos alumnos as vezes necessarias para que elles as aprendam. Se, ao cabo de dez sessões, o papagaio não articula as palavras em questão, é enviado ao dono como incapaz ou, caso pertença ao estabelecimento, vendido a resto de barato.

pois que as ondas, que chegam a ter um metro de altura, a cobrem ou a impellem exactamente como as do mar.

LINDBERGH E A MOÇA CHINEZA

O missionario Rev. Wenceslaus Boderfield que faz parte do serviço de soccorros aos famintos da região ao Shantung, conta num jornal a conversa que teve com uma moça de dezoito annos a respeito de Lindbergh.

— Será verdade, perguntou a moça, que Lindbergh voou trinta e tres horas sem parar? — E a um signal affirmativo do missionario, proseguiu, cheia de espanto: — Mas sem beber agua quente?! (Pergunta bem caracteristica, porque os chinezes têm que beber a miude qualquer coisa quente). E como poude elle dar aos braços e ás pernas trinta e tres horas sem parar?

— Dar aos braços e ás pernas! Como assim?

— Pois o senhor não disse que elle voava?

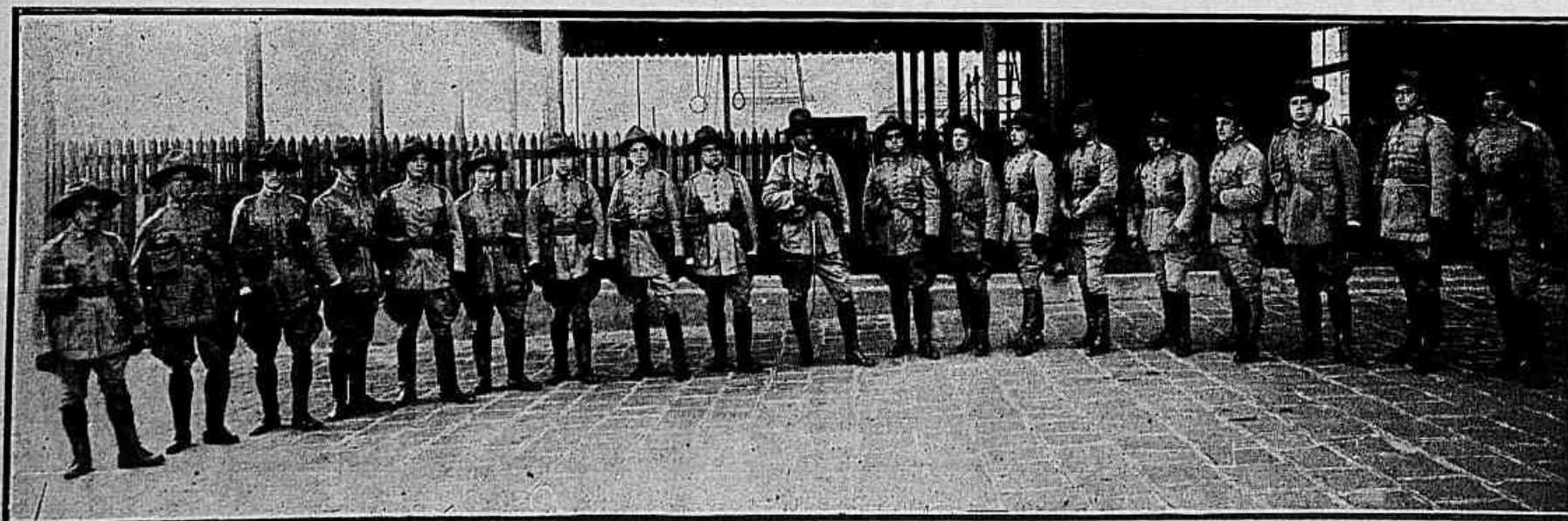
O Rev. Boderfield confessa que não teve coragem de tentar qualquer explicação. Nem por isso, todavia, a sua resposta foi menos eloquente:

— Bom, o facto é verdade. E quem não acreditar, será multado num dollar chinez para os famintos do Shantung!

Uma carta... é um coração que se estende, um beijo que se alonga, é a aza do amor, mas é sobretudo uma mentira.

MAR ARTIFICIAL

Numa cidade norte-americana, fez-se, o mez passado, experiencia duma piscina provida duma installação especial para fazer ondas. O processo é o seguinte: Tres grandes cylindros, em fórma de sino são introduzidos e retirados da agua com a rapidez de dezoito vezes por minuto. O movimento é obtido por meio duma machina a vapor, que tambem serve para aquecer o ar do recinto e a agua da piscina.

Todo o mechanismo está escondido. A piscina estende-se pelas partes invisiveis da sala e é ahi que se produzem as ondas. As bordas da piscina são inclinadas e por isso as ondas se veem desfazer alli como numa praia. A pessoa que toma banho, deve ter a impressão mais completa,

Officialidade do 15.° Batalhão de Caçadores, em Curityba.

BREVE HISTORICO DE UMA GRANDE REALISAÇÃO

Na primavera do anno de 1925, Dodge Brothers se lançaram a um grande emprehendimento — agora concluído.

Desde o seu inicio a fabrica Dodge Brothers se especialisára exclusivamente, na construcção de um carro de quatro cylindros. No curso de treze annos, mais de dous milhões d'esses carros foram vendidos para todas as partes do mundo.

Aqui não se faz mister commentar sobre os extraordinarios meritos d'esse famoso QUATRO.

Ganhou trophéos nos campos de guerra, e com egual distincção alcançou victorias nas veredas e nas estradas reaes da Paz.

A sua surprehendente duração e a confiança que inspirava se tornaram proverbiaes.

Eis se não quando, mudam os tempos com elles concomitantemente os gostos.

Os tempos queriam mais: maior conforto e velocidade maior, mais luxuosidade e mais estylo, eram o clamor de então.

Os carros com motor de seis cylindros aos poucos se foram tornando possiveis a preços populares. Os progressos na mechanica automobilistica dictaram uma revisão e buscavam o requinte nos motores de quatro cylindros.

Ha dous annos atraz Dodge Brothers se capacitaram da importancia de sua empresa e lançaram um programma destinado a os collocar e bem assim á sua organisação de agentes, a partir de 1° de janeiro de 1928, n[illegible] posição não secundaria á de quaesquer [illegible]os na industria.

[illegible]dmiraveis resultados d'este emprehen[illegible]nento são agora conhecidos do mundo inteiro.

É muito para duvidar que os annaes da industria possam apresentar, dentro de egual periodo de tempo, um feito tão extraordinario.

Um carro com motor de QUATRO cylindros, smart, veloz, de qualidade e a preço extremamente popular, veio substituir o seu famoso antecessor.

Esta nova creação é o SENIOR SIX, proeminente em funccionamento, notavel em qualidade e luxuosamente equipado.

Os Caminhões e Auto-Omnibus Graham Brothers (até então providos exclusivamente de motores de quatro cylindros) têm agora accrescido a sua serie de motores de seis cylindros. Esta serie consta agora de cincoenta novos typos que foram accrescentados, e constitúe a serie mais completa de carros para transporte até hoje conhecida.

EM SEGUIDA VEIO O "VICTORIA SEIS" — O FEITO MAIS ESTUPENDO NA MECHANICA AUTOMOBLISTICA QUE JAMAIS SE REGISTROU NESTA DECADA.

Estas realisações, seguidas umas após outras n'uma progressão firme — offerecem aos Agentes Dodge Brothers esparsos pelo mundo inteiro, a serie mais variada e mais completa de carros para uso commercial e de passageiros que jamais tenha sido fabricada e posta no mercado por uma só organisação.

Seguindo rigorosamente o seu passado honroso e são de elevados padrões, Dodge Brothers fizeram face á provocação de um futuro ainda mais exigente.

W. S. Evill Treze de Maio 64-C RIO DE JANEIRO	Antunes dos Santos & Cia. SÃO PAULO	Danrée Y Cia. Rua dos Andradas 335 PORTO ALEGRE

AUTOMOVEIS DODGE BROTHERS

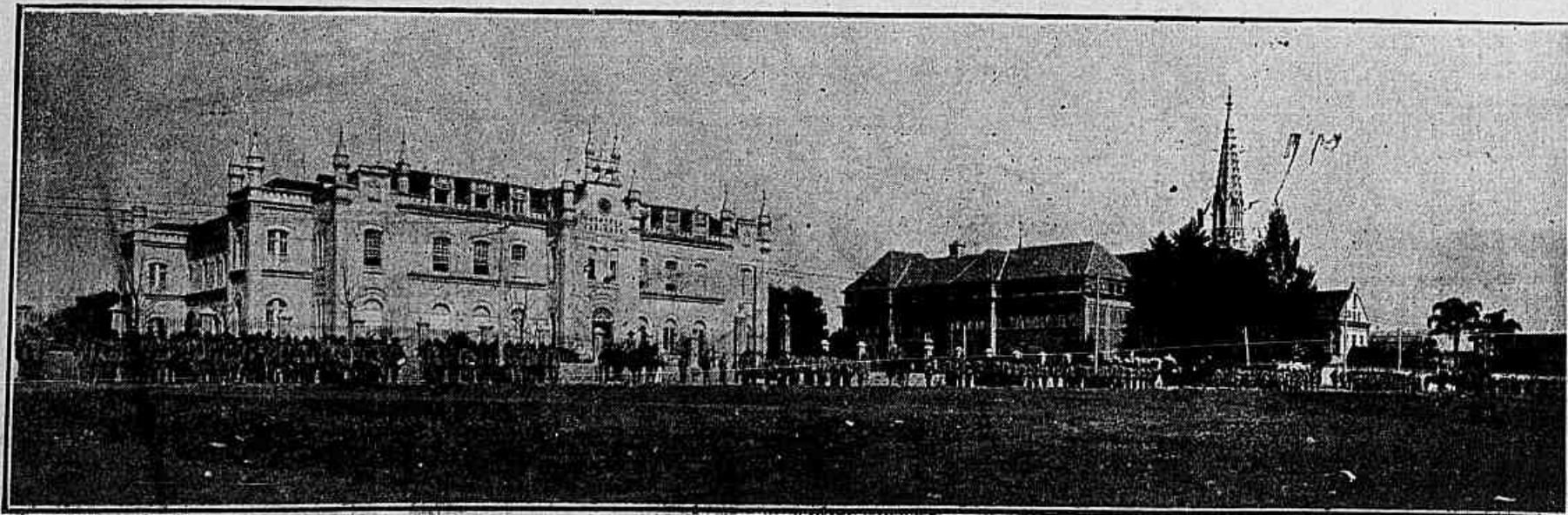
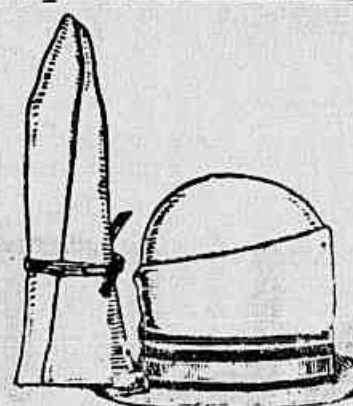
A EGREJA E OS SPORTS

Até agora os vitraes das egrejas celebravam invariavelmente episodios da vida de Jesus Christo ou dos Santos; agora num templo de Nova York vae ter um vitral ou um systema de vitraes representando as luctas e victorias de varios sports.

O Bispo de Nova York acceitou o mez passado consideravel quantia para a acquisição desses vitraes consagrados á gloria do sport. Os doadores reuniram, para tal fim, cêrca de mil contos de réis. Esses vitraes, que serão collocados na grande cathedral de Nova York, representarão a chegada ao vencedouro duma corrida de cavallos, uma phase de lucta de box, o "drive" dum jogador de golf e vinte e tres outras scenas sportivas.

Centenas de representantes de todas as classes do mundo dos sports, assistiram á ceremonia que, o mez passado, se realizou na cathedral de Saint-John the-Divine, e cada um delles arvorava um cartão ao alto dum páo, como se fosse uma bandeira. Nesses cartões liam-se as inscripções: Corridas de cavallos, Hockey, Box, Base-bal, Tiro, Caça *etc.*

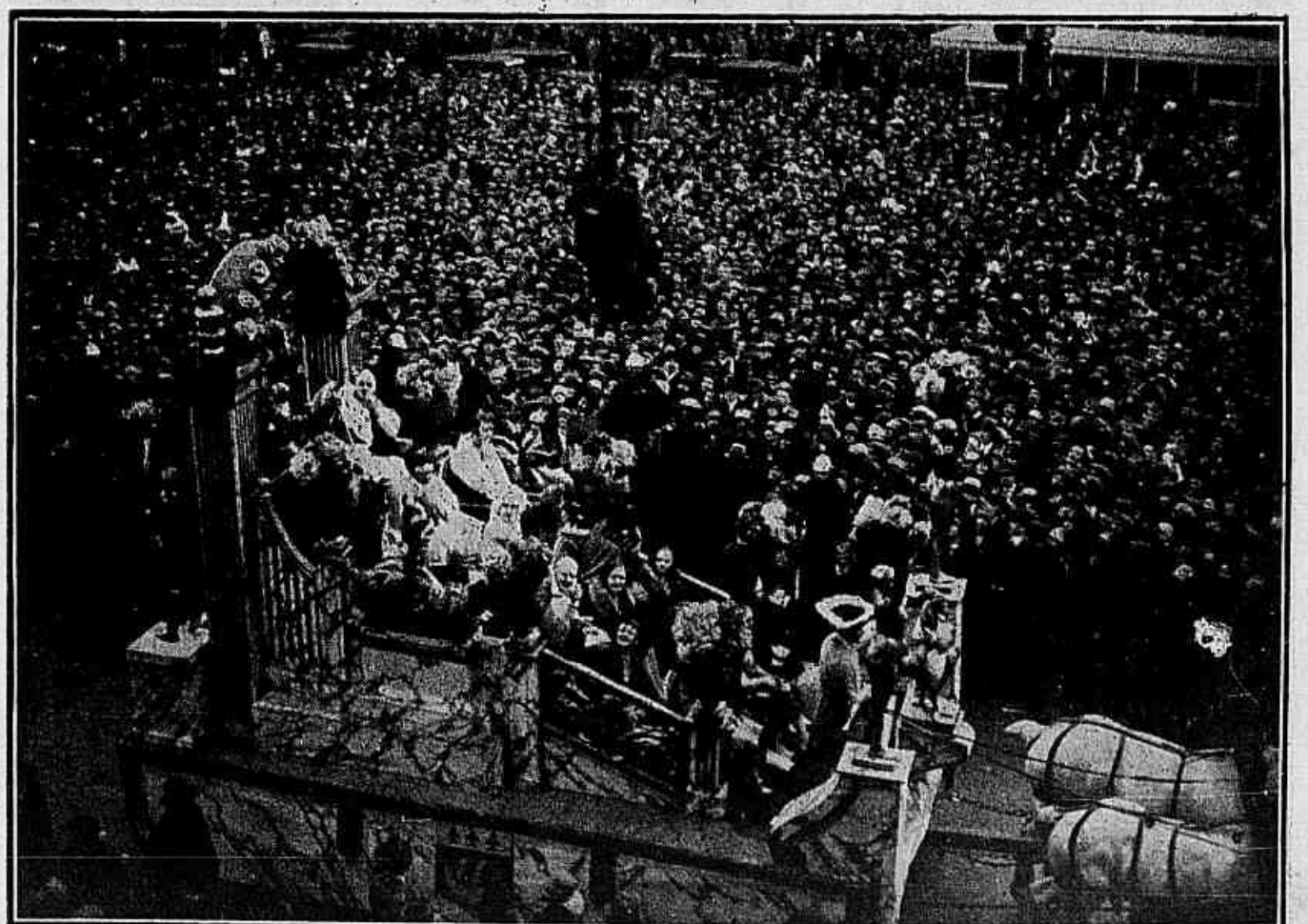
O bispo prégou um sermão que foi grandemente apreciado e do qual constou esta passagem eloquente:

"Nesse edificio sagrado que será a maior casa do Senhor na America, reconhecemos publicamente e com grande jubilo, a importancia do logar que, na vida humana, cabe aos sports. Esses vitraes, consagrados aos sports e cuja execução constitue um dos mais significativos episodios da historia da nossa cathedral, valerão por um testemunho contra a concepção erronea da celebração do domingo, tal como a exprimiu a Egreja Puritana. Elles proclamarão a verdade de que Deus se interessa por tudo o que nos diz respeito, pelos nossos jogos de destreza e os nossos prazeres, como pelos nossos trabalhos e as nossas orações.

O Batalhão de Caçadores formado na Praça Ruy Barbosa, em Curityba, antes de partir para as manobras do fim do anno.

O carnaval em Palmeira dos Indios (Alagôas).

O VALOR DAS FERAS

No inventario de fim de anno do Jardim Zoologico de Londres, o total dos animaes alli existentes é avaliado em 34.736 libras esterlinas pouco mais ou menos, 1.380 contos de réis.

O lote de onze leões é avaliado em 550 libras; um hippopotamo em 800 e outro hippopotamo, com apenas um anno de edade, em 400 libras.

Um rhinoceronte figura no inventario com o valor de 1.000 libras, ou sejam mais de 40 contos de réis. E assim, perante essas cifras, um rhinoceronte vale

A Mi-Carême em Paris. O carro da Rainha de Paris passando nos boulevards em meio de incalculavel multidão.

vinte leões. Quer dizer que o rei dos animaes está bastante depreciado...

As grandes serpentes são avaliadas pelo comprimento e as tartarugas pelo peso. E na opinião dos negociantes de feras e animaes exoticos, todos os preços constantes do inventario do Jardim Zoologico estão muito abaixo dos correntes no mercado.

OS BENEFICIOS DO FRIO

Por uma bella manhã do mez passado, bella mas fria como todos os demonios, o policial Jenkins, de serviço no City Hall Park, de Nova York, avistou um homemzinho, escanhoado e calvo, que vinha a passos lentos e serenos, vestido dum simples maillot de banho. Jenkins offereceu ao passeante o seu capote, emquanto o não mettia num taxi que o levasse á sua residencia. Mas o homem recusou o agasalho e, cheio de dignidade, explicou:

— A minha intenção é demonstrar ao prefeito da cidade, sr. Walker, que é inutil possuir um homem duzias de ternos de roupa, centenas de gravatas etc. A gente pode se vestir singela e confortavelmente. Sou pae de familia e acho-me no uso perfeito das minhas faculdades. Tenho cincoenta e cinco annos de edade e sou apologista do ar fresco. Trato de convencer 6 milhões de victimas de pneumonias e toda a sorte de molestias do aparelho respiratorio, que soffrem aessas doenças justamente por se vestirem e abafarem de mais. Não sou vegetariano; como de tudo. Fumo bastante. E a minha divisa é: "Moderação".

Jenkins chamou realmente o taxi, mas foi para conduzir o propagandista ao commissariado mais proximo.

PENSAMENTOS

Dêm-me boas mãos que reformarei o mundo.

NAPOLEÃO.

*

As visitas fazem sempre prazer. Se não fôr na chegada é na partida.

LA BRUYÉRE.

*

A amizade é o amor sem azas.

BYRON.

OTESTAMENTO DE THOMAZ HERDY

O recente fallecimento de Thomas Hardy inspirou á imprensa britannica toda a sorte de louvores — e de reportagens. A vida do grande romancista e poeta foi recordada com o maior numero de detalhes possivel. E todos os jornaes dedicaram longos commentarios ao seu testamento.

O poeta das Dynasts *levava em Max Gate uma vida tão retirada e modesta que muita gente o julgava pobre. Ora, a verdade é que elle deixou uma fortuna superior a 90.000 libras esterlinas, ou sejam cerca de 3.500 contos de réis, e a maior parte da qual cabe naturalmente a sua esposa — que foi sua secretaria e que elle desposou em 1914 — e aos seus dois irmãos e sua irmã. Ha alguns pequenos legados a instituições publicas. Um desses legados accusa o amor que aos animaes consagrava o creador de tão admiraveis scenas rusticas. No jardim de Max Gate, ha uma serie de pequeninos tumulos de animaes favoritos que Thomas Hardy viu envelhecer e morrer... E deixando no seu testamento 50 libras á Sociedade Protectora dos Animaes, pede que essa somma seja consagrada á propaganda que tem por fim diminuir o soffrimento dos animaes utilisados ou encarcerados pelos homens.*

A Sra. Hardy ficou com o usufructo de todos os direitos autoraes de Thomas Hardy e mais uma renda de 600 libras annuaes,

que se reduzirá a 300, caso ella torne a casar.

Embora o testamento seja datado de 24 de Agosto de 1922, quando Thomas Hardy contava já 81 annos, declara o poeta que a propriedade de Max Gate deve ser conservada "para o primeiro de meus filhos, quando elle chegar aos vinte e um annos."

A ILHA MYSTERIOSA

Regressou o mez passado ao modesto porto escocez de Fletwood, o vapor Loughrigg que visitara a ilha de Saint-Kilda:

Essa ilha constitue um dos mais isolados e desconhecidos recantos do mundo. Fica a cerca de 80 milhas da costa escoceza e está continuamente cerrada de brumas.

Ora o navio Loughrigg fôra encarregado de levar a Saint Kilda um carregamento de viveres para os habitantes. Fez a primeira viagem para tal fim, mas por mais que procurasse na cerração maritima o logar do seu destino, não o poude descobrir. Voltou a Fleetiwood e esperou occasião que lhe parecesse mais favoravel. E da segunda, com effeito, chegou a Saint Kilda, com grande alegria dos habitantes, para quem taes visitas constituem agradabilissimas surprezas...

—※—

PENSAMENTO

Teus enthusiasmos, minha corajosa mãe, fizestes-os passar para mim. Se sempre associei a grandeza da sciencia á grandeza da Patria, é porque estava impregnado com os sentimentos inspirados por ti.

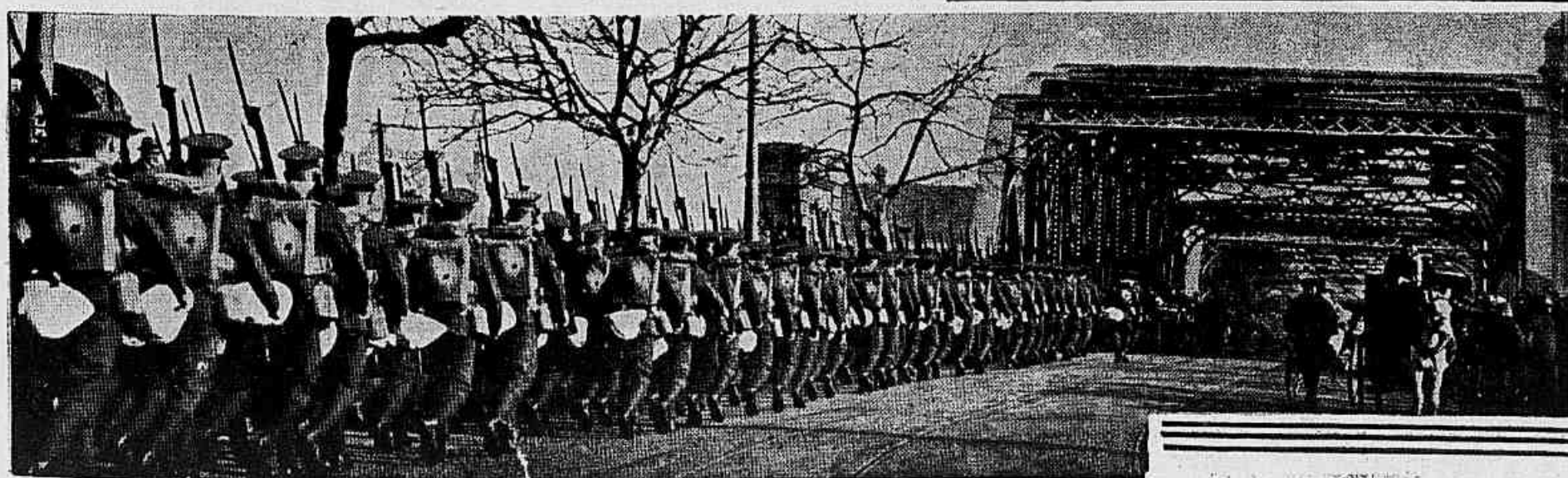
PASTEUR.

O que vae pelo mundo

Os tumultos nacionalistas no Egypto: o *tank* da policia do Cairo, que foi atacado a pedra e vaiado pelos estudantes após a entrega da nota ingleza ao governo egypcio.

A Rainha do Afghanistan: S. M. a Rainha Souriya, cujo *chic* causou grande sensação através da Europa e da Asia.

O Mussolini da Lithuania: professor A. Waldemaras que allia ás funcções de Primeiro as de ministro do Extrangeiro. Durante a sua estadia em Roma, assignou um accordo entre a Lithuania e a Santa Sé, sendo recebido em audiencia particular pelo Papa.

Os segredos de Femina. Eis um novo riçador para as pestanas, utilizavel a frio em cada tres ou quatro dias. As pestanas onduladas, assim, para cima, permittem que a luz se reflicta melhor nos olhos, cujo brilho augmenta.

A primeira demonstração, em Londres, do Exercito Vermelho, no *meeting* feminino de protesto contra o Capitalismo, a Guerra, a Dominação Masculina e o Governo.

A lucta na China: a partida de Shanghai para a Inglaterra do 2.º Batalhão de Coldstreams, após haver garantido as vidas dos subditos inglezes.

Cronica de Paris

A HORA DO FATO GENERO ALFAIATE

O tailleur é o vestido de meia estação por excellencia. Commodo, leve, sem deixar de abrigar, tem, além disso, o encanto da elegancia de linha, todas as circumstancias que o tornam invencivel quando chega a primavera, e mesmo muito antes, todas as vezes que a velha zorra, que é o inverno, finge que se vae, para voltar depois com mais força.

O tailleur é novo e fresco, não só pelas suas côres mas pelo seu córte, de tal maneira que não se sabe, nos dias de sol, se as ruas estão em festa pelo sol ou pelo esplendor dos tailleurs. Este anno as suas côres favoritas são o negro e o azul marinho; mas o tailleur, contente comsigo, desquita-se d'elle na saia, na qual se aborda toda a especie de fantasias. A saia começa por ser do mesmo tom do casaco, mas em seguida proclama a sua rebeldia apresentando-se em quadrados, riscas, etc. Por exemplo: n'um tailleur cujo casaco é azul marinho, a saia é de quadrados azues e brancos e a golla e os adornos de velludo côr azulrei. Outro exemplo : casaco de velludo negro, saia de riscas brancas e negras e golla e adornos de seda negra.

A fórma dos tailleurs é variavel; e tanto se vêem os de casacos rectos, ligeiramente apoiados na linha das cadeiras por quatro botões, como o casaco ligeiramente cingido ao talhe, moldando o corpo bem. O casaco mais curto, fechado com um unico botão, termina por uma grande golla em fórma de chale.

As mangas são lisas, sem nenhum adorno á roda, e as saias, curtas e sem grande exaggero, gostam das pregas que lhes concede o moderno córte em fórma. Ha muitissimas saias plissadas ou com pregas. Mas algumas senhoras preferiram continuar a ser fieis á saia que apresenta um falso movimento de abotoadura á esquerda. A saia algumas vezes é independente do corpo, sendo acompanhada, então, por uma blusa de crepon de China ou de bôa seda. Em geral, essa blusa é branca, mas póde-se transformar em rosa, quando o tailleur é rosa ou azul marinho. Muito raras vezes (ha que desconfiar dos contrastes) combina-se o amarello com o azul ou o vermelho com o azul marinho.

A. D'ENERY.

Vestido de estylo, de taffetas branco com impressões rubis.

Para o sport, este *serretête* e fichu condizente, de foulard de seda beige com raios de côres vivas.

Bolsa extensivel de vitella havana com fecho nickelado; bolsa de gamo preto guarnecida de fios de ouro.

Luvas de pelle cinza guarnecidas de pelle vermelha.

Luvas de suéde beige enfeitadas de bordado marron.

Luvas com enfeites perfurados.

Modelo apresentado em Auteil.

Vestido de velludo amethista formando culotte e ligeiramente bordado a prata.

A moda parisiense em Auteil.

Vestido de crêpe setim preto cortado de bandas de crêpe setim preto mate.

O TORNEIO INITIUM DA F. A. B. A. C.

Os *teams* que se mediram, no sabbado ultimo, no campo do Botafogo F. C., na disputa do Torneio Initium de foot-ball da Federação Athletica Bancaria e Alto Commercio.

1 — Casa da Moeda, *team* campeão. 2 — Leopoldina Railway. 3 — Banco Hypothecario. 4 — Wilson Sons. 5 — City Bank. 6 — America Fabril. 7 — Costeira. 8 — Salic. 9 — Banco Germanico. 10 — Banco do Commercio do Rio de Janeiro. 11 — Silveira Machado. 12 — Cia. Brasileira de Exploração de Portos.

Goya

OS centenarios fazem renascer a celebridade. Renasce Goya, agora, por um d'elles, illuminando a pintura espanhola, tão prodiga de mestres quão opulenta de obras, rica de escolas n'um paiz museu em si mesmo.

Francisco Goya y Lucientes teve berço em Fuente de Todos no anno de 1746. Começou estudos de pintura em Saragossa, aos conselhos de pincel e palheta de José Lujau Martinez.

O monumento erguido a Goya em Fuente de Todos, obra do esculptor Julio Antonio.

As capitaes attrahem; Madrid attrahio Goya. Eil-o madrileno apezar de aragonez, trabalhando com um amigo, Francisco Bayen, encarregado de ornar o palacio real sob as vistas de Mengs.

As capitaes attrahem, a Italia fascina; a Italia fascinou Goya. Eil-o alli, a mirar télas de mestres, procurando o segredo do genio na indiscrição das obras; fugindo ao servilismo das copias.

A Italia foi sobretudo Roma, é sem duvida Roma, será sempre Roma. Goya conheceu a Italia de 1773 onde scintillara a tiára de Clemente XIV, o Ganganelli mandado de Rimini ao throno pontificio para supprimir a ordem dos jesuitas.

Dous annos Goya gozou na Italia. Tornado á Espanha, encontrou de novo Mengs, d'esta vez incumbido da fabrica de tapetes de Santa Barbara; incumbindo o pintor da execução de numerosos desenhos para a manufactura; nada menos de quarenta, desenhos de graça casada a riso: a *Boda Aldeã*, *A Dança á margem do Manzanares*, *A Cabra céga*, *O Almoço sobre a relva*.

Depois de 1791, Goya, á força de talento, já ascendera á fama. Já era o autor da serie dos quadros destinados á galeria do duque de Ossuna. Aqui malicioso, alli tragico, acolá satirico, sabia fazer rir e chorar a pintura; uma vez nos desenhos artisticos, os "caprichos", outras vezes em scenas de honor.

Goya pintou, pintou muito, mas a gloria de sua obra forma-se afinal de tres grandes grupos distinctos, de Goya e a mulher, de Goya e a historia, de Goya e a patria.

O grande aragonez poz diante da posteridade immensa as patricias, a hespanholas, ordenando-lhes que seduzissem em alguns metros de téla. Cumprem-lhe fielmente a ordem *majas e manolas*.

Tão alto levou estas que, segundo Marcello Dienlafoy, figuram na abobada da capella de la Florida, perto de Madrid, contemplando um santo a dar reviver a cadaver. Mais ainda, conforme a mesma fonte, os anjos de sustentaculo á cupula da capella de La Florida, reproduzem os traços de varias comicas reputadas bellas. Por isso Goya levou a pécha de ter aberto paraizo a celebridades bem profanas. Pintor de tal casta não podia ir na esteira de Murillo, embora se esforçasse, a peso e a dever de encommendas, por tentar o *Triumpho de N. Senhora* na igreja do Pilar ou imaginar a figura de S. Francisco de Borja na cathedral de Valencia.

O dominio de Goya não era o céo; prendia-o demais a terra, a terra, de tres tão famosos inimigos, o mundo, o diabo e a carne.

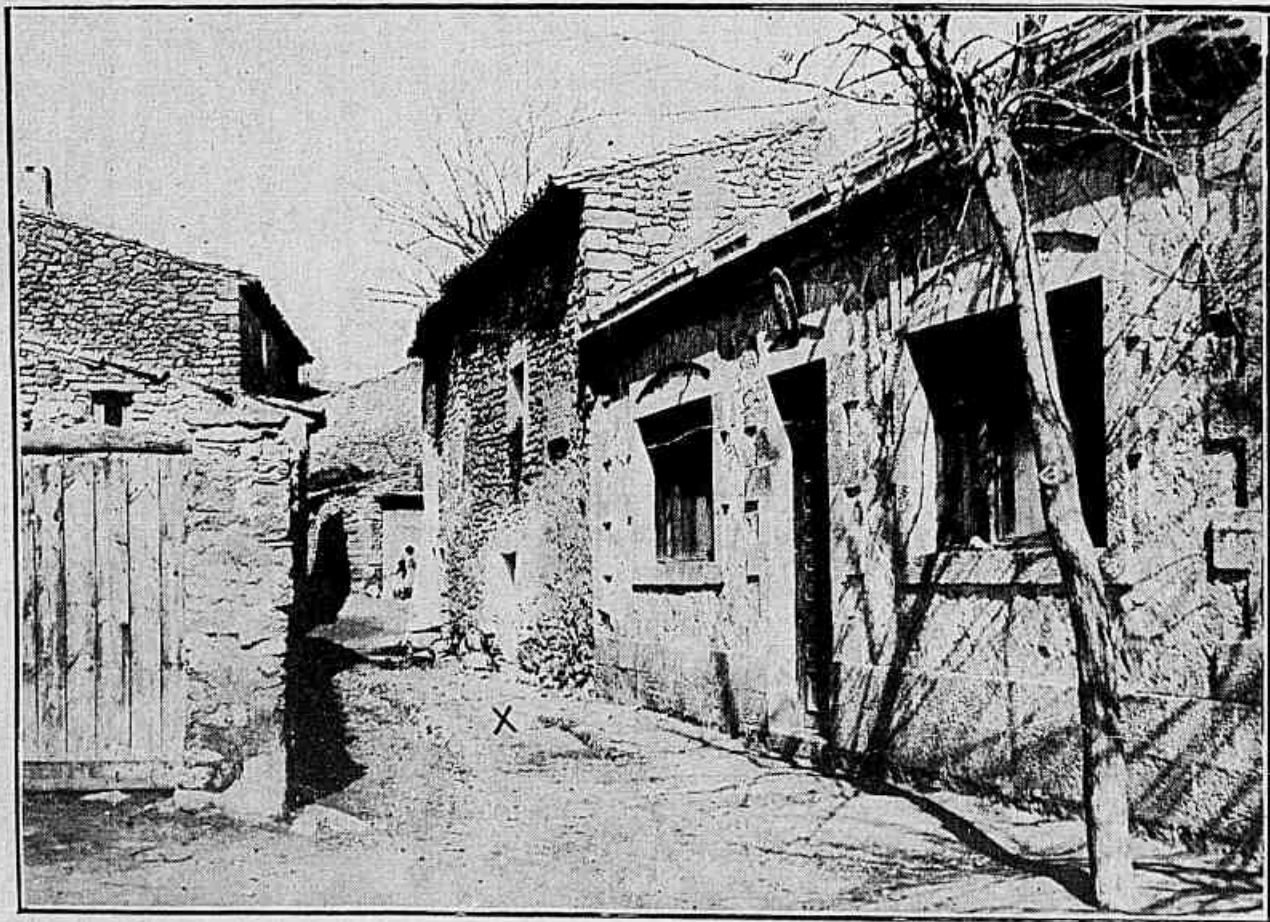
Goya (auto-retrato).

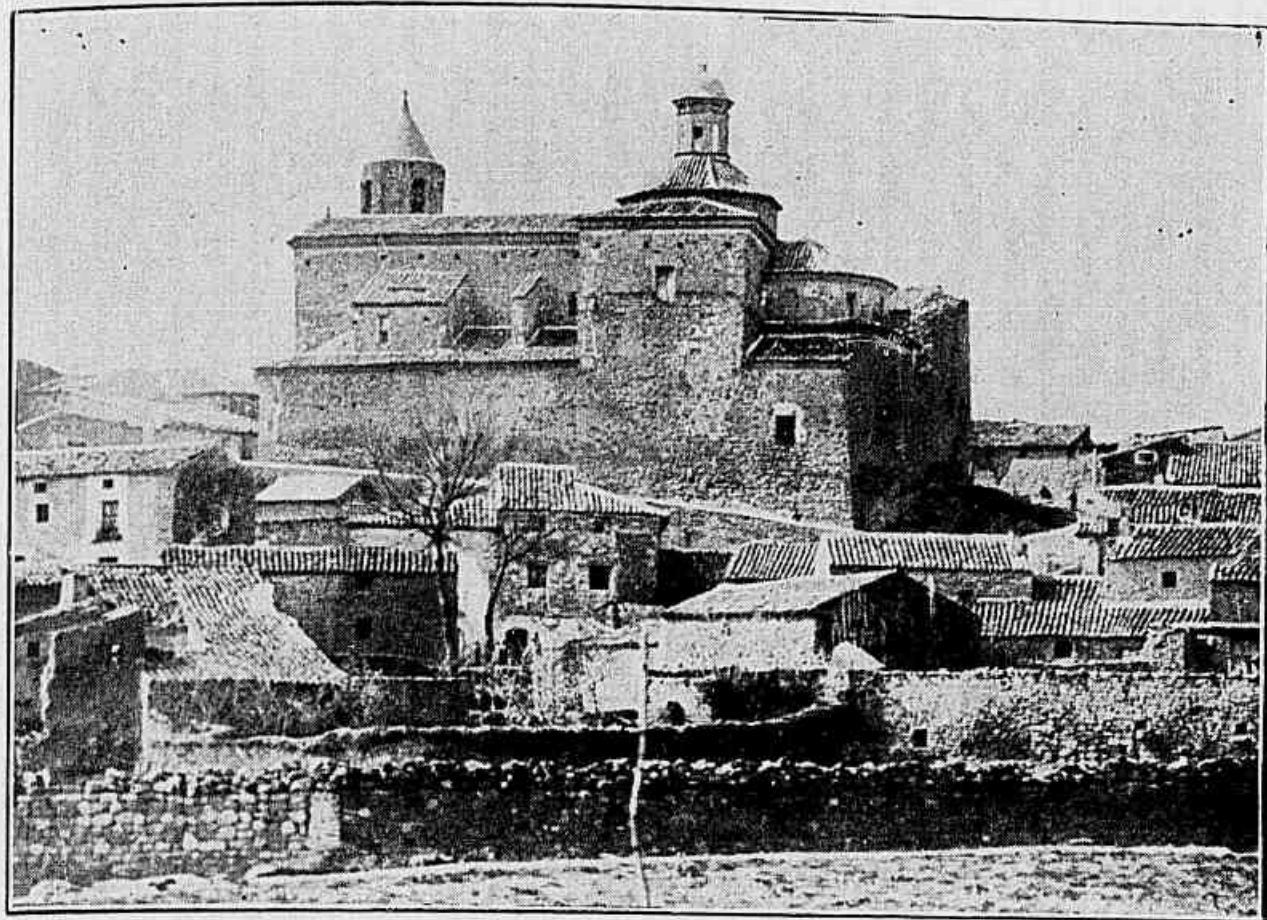
A carne vive na *Joven Torera*, cheia de *salero* na attitude da coragem; na *Maja Vestida*, mais vestida de trajes do que de pudor, pois logo em seguida a *Maja Desnuda*, no mesmo museu do Prado, a desvenda sem véos na mesma posição e no mesmo leito da tela que lhe serve de verso.

Os forjadores de critica tonteiam ao buscar as affinidades de Goya com outros mestres da palheta. Filiam-o uns a Rembrandt, outros a Velasquez, este o chama para junto de Hogarth, aquelle para perto de Reynolds.

Para que dar tantos tratos á imaginação? Goya prestou declaração solemne, confessando tudo dever a tres grandes mestres, um invisivel, a natureza; dois visiveis, Rembrandt e Velasquez.

De todos esses conselheiros o maior, para Goya, deve ter sido a natureza, sobretudo quando elle deu côres á historia em serie celebre de retratos reaes e aristocraticos. Não embelleza os retratados, mas não os calumnia pela palheta; reproduz-lhe os defeitos physicos, as taras physionomicas, as negações de belleza. Pelo pincel, nos retratos historicos, Goya depõe como testemunha veridica ante a posteridade. Velasquizou-se n'esse ponto para nos offerecer Carlos IV e sua familia, o duque d'Alba, o conde de Florida Blanca, Izabel Cobos de Porcel taes quaes foram. No celebre quadro de Carlos IV e sua familia encontramos alguem que conhecemu mal a nossa historia e é por ella bem conhecida, Carlota Joaquina infanta de Espanha, rainha de Portugal, imperatriz honoraria do Brasil.

Nem sempre Goya gravou historia, fixou typos para vindouros. Descançava, trabalhando, variando de assumptos, sabido quanto a variedade d'elles repousa no suar de labor.

A casa historica em que nasceu Goya (x). A' esquerda da casa, estão as Escolas Goya, fundadas pelo illustre pintor Zuluaga.

Uma rua de Fuente de Todos.

Uma vista de Fuente de Todos, pequena povoação onde, ha cem annos, nasceu Goya.

Interior da igreja da Asunción (Fuente de Todos), na qual foi baptisado Goya.

Entre o retrato da marqueza de Espega ou o equestre da rainha Maria Luiza houve folga para as *Lavadeiras do Manzanares* ou para o *Passeio na Andaluzia*. Da palheta de Goya sahiram num dia *A Loja de Faianças*, n'outro *A Ramilheteira*, ainda n'outro *A Florista*.

Conforme Dienlafoy, no inicio da carreira, Goya soube traduzir a primor a doçura de viver na Espanha nos reinados de Carlos III e Carlos IV. Confirmou assim, observamos nós, aquella *douceur de vivre* á qual se referio Talleyrand caracterisando tempos anteriores á Revolução Franceza.

Filho d'esta, surgio Bonaparte na Europa. Deslumbrou o velho mundo desde os primeiros passos da campanha da Italia, desde o conquistar da gloria por procuraçã[illegible] no tratado d[illegible]

Bonaparte transforma-se em Napoleão, este inclina-se para a Espanha, tenta subjugal-a, desthronar-lhe a dynastia, dar-lhe rei escolhido entre napoleonides.

A Espanha catholica torna-se o principio do calvario napoleonico. Combate as tropas francezas, entre dois fanatismos, o da fé e o da patria. Por mais forte que seja o invasor é sempre fraco, sem apoio, hospede sem agasalho.

Bem o experimentou Napoleão na porta de Espanha. Grava-se 1808, em Pedras de fogo, no seu festim de gloria.

A historia archiva os documentos da campanha de Espanha, a pintura recolhe as pinturas de Goya dando á historia côres viv[illegible] pela [illegible]

[illegible] movem-o as dôres da terra natal, impressiona-o a guerra levada ao berço.

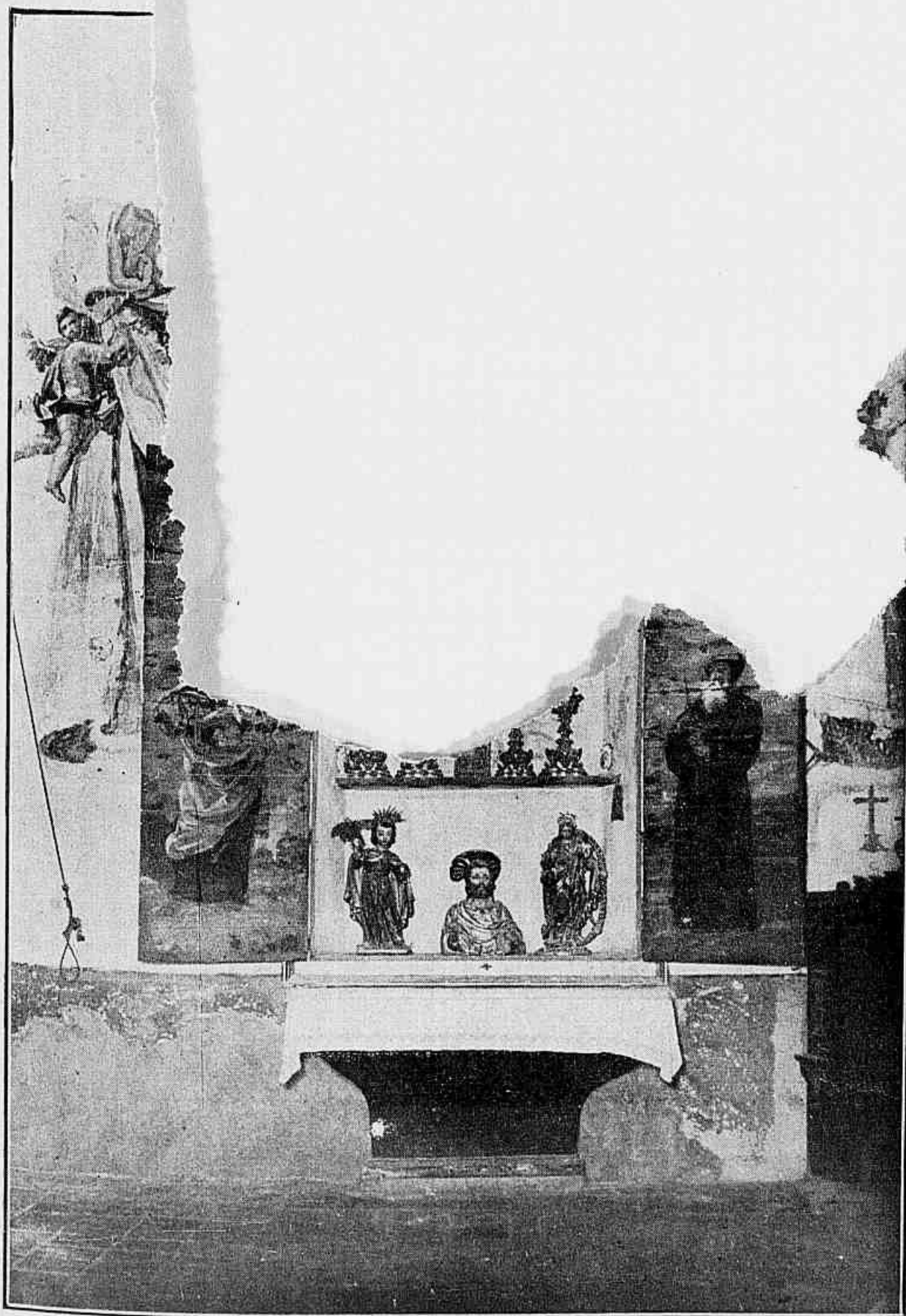
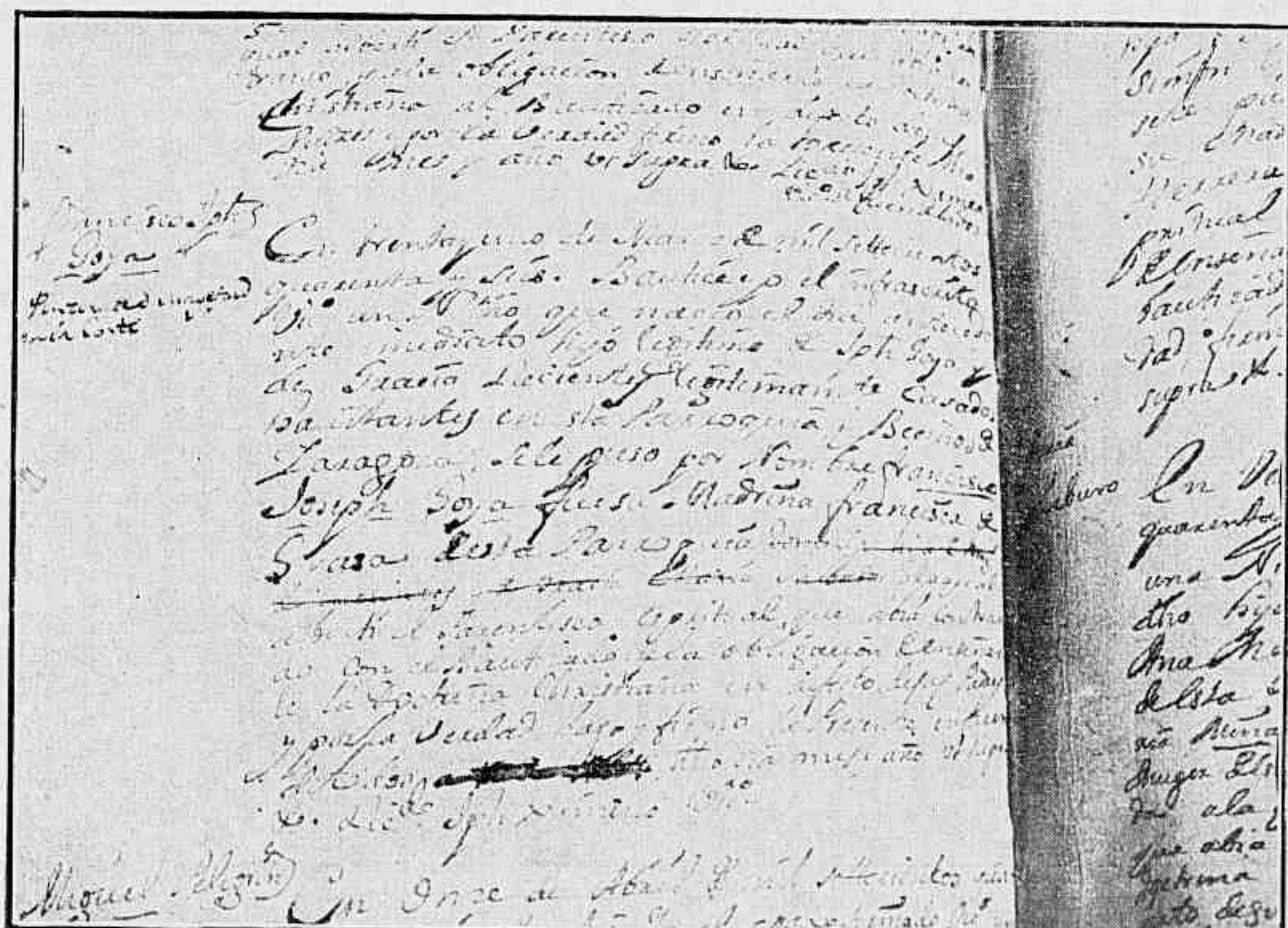
Majas, manolas, toreras, ide-vos. Lembrai-s tempos risonhos. Goya vae pintar, não mais vossa carne nacarada, vossos seios gracis, vossos cabellos soltos.

Surge o artista das telas e das scenas de sangue de 1808 a 1814; reproduz *As Descargas da Montanha do Principe*, *A carga dos Mamelucos* e sobretudo o *Dous de Maio* onde tantos espanhoes deixaram vida á bocca de espingardas estrangeiras. N'essa época, diz Dienlafoy, Goya desceu do paraizo aos infernos, sem transição nem volta a passado extincto.

Afinal Napoleão, vencido, recebe Santa Helena por universo. A carreira de Goya está a findar tambem. Nascido em 1746, é quasi septuagenario, alguns annos ainda porém haviam de separal-o da sepultura.

A 16 de Abril de 1828, aos oitenta e dous, sem duvida fracos o braço e a vista, as duas armas do pintor, expirava Francisco Goya, y Lucientes, na patria franceza, em Bordéos, terra dos antigos inimigos da Espanha.

Cerrava ahi os olhos, quem tanto abrira os da historia, sobretudo para o lado da França.

E. D.

O altar do Relicario, cujas portas pintadas por Goya, são as unicas obras do grande pintor que existem em Fuente de Todos.

Reproducção do assentamento de baptismo de Goya, que figura num dos livros da igreja da Asunción.

Pagina de Eva

NO MEU TEMPO...

—" No meu tempo...

— Não diga isto, minha senhora! Não diga isto nem brincando... Envelhece logo de vinte annos, pelo menos. Seu tempo é o de hoje e tem de ser o de amanhã se quizer conservar algum tempo ainda seu victorioso sceptro de mulher bonita. Quando uma pessoa começa a achar-se destôante do tempo que corre, é porque envelheceu. Póde ser joven de aspecto ainda, encaneceu de alma. O peior dos encanecimentos. No meu tempo... Na tacita condemnação encerrada sempre nesta curta phrase, todo um mundo de saudade palpita, sem que o saibamos. Quando uma senhora ou um senhor de idade pronuncia estas tres palavras fatidicas, abanando a cabeça, com ar experiente e superior, não ha replica possivel.

Não existe argumento que os convença de que todos os tempos se valem e o que hoje tão indignadamente os horrorisa, nos parecerá ter a candura da innocencia, quando chegar o tempo daquelles que de nós nascerem. Afinal de contas a culpa não é delles. Se nossa vida fosse igual á que levaram, com os mesmos costumes, quadro igual, identicas maneiras, não perceberiam que envelheceram. Em vez disto, tudo lhes recorda o tempo percorrido. Uma nova moda é um anno a mais... O mundo, no emtanto, fica sempre maravilhosamente joven; nós é que envelhecemos, desde que duramos.

Não fale, pois, nunca no seu tempo... Para uma moça bonita hontem não existe. Só hoje e amanhã têm verdadeira significação.

A senhora é de agora, não se queira assim, por inadvertencia, collocar no rol das cousas de antigamente.

No dia em que se recordar com melancolia de um vestido que usou, ah! é porque a sua mocidade, sua verdadeira mocidade, foi-se embora: ter recordações é ser velho... Os novos chegaram demasiado cedo para possuir o que lembrar. Tudo lhes é novidade: o mundo, a vida, elles proprios. Nunca se divertiu em folhear entre amigas um album de retratos antigos?... Não ha ninguem que contenha o riso. — Meu Deus!... que horror!... Como tinha a gente coragem de vestir essas ridicularias?..." Estas ridicularias eram a novidade do momento. Passaram. Envelheceram. Nós tambem somos a novidade de um momento... Passamos. Envelhecemos. Esquecemol-o, porém. Com a mais sincera bôa fé achamos pavoroso o que posteriormente se nos afigurou o suprasumo do bello e do chic.

A Sra. mesma, daqui a uns dez annos, quando a sua filha usar talvez, — pois a moda vive d'essas continuas renovações, — saia de cauda ou corpinho de manga e dansar com as mãos, lembrando o tempo que hoje lhe está principiando a parecer tão máo, ha de dizer com um suspiro:

— No meu tempo, sim..." Não o comece, portanto, a dizer antes de tempo, não antecipe, fique na sua época, aproveite este momento que é o seu... Nunca dê ensejo a seus amigos, que são todos seus admiradores naturalmente, de suspeitarem que não nasceu antehontem... Emquanto fôr bonita assim e tiver esta vivacidade, este calor, esta vida, seu tempo será este como foi o do anno passado e como será o do anno que vem... Não tome, pois, este ar vivido, experiente, farto, de quem já percorreu muitas etapas e viu muitas payzagens da vida... Dê sempre a impressão de estar chegando, estreiando-se na existencia... Faça do instante que passa a sua época... No seu tempo não a olhavam os homens com tanta admiração como os de hoje?...

— Olhavam, porém, com mais respeito.

— E o desrespeito dos de agora, desagrada-lhe?...

— Francamente, não...

— Então, minha amiga, a senhora é de agora... Não fale por conseguinte no seu tempo... Não hão de faltar linguas invejosas que lhe queiram datar a formosura do tempo dos Affonsinhos... Já reparou que toda senhora quando se refere a uma collega de estudos, declara invariavelmente:

— "Estivemos no collegio juntas, mas é muito mais velha do que eu... Eu era a mais moça da classe..."

Toda mulher é sempre a mais moça da classe, seja de que tempo fôr."

Maria Eugenia Celso.

CREANÇ[AS]

Maria Antonietta, filha do tenente Sebastião Mendes de Hollanda e d. Maria Garcia de Hollanda.

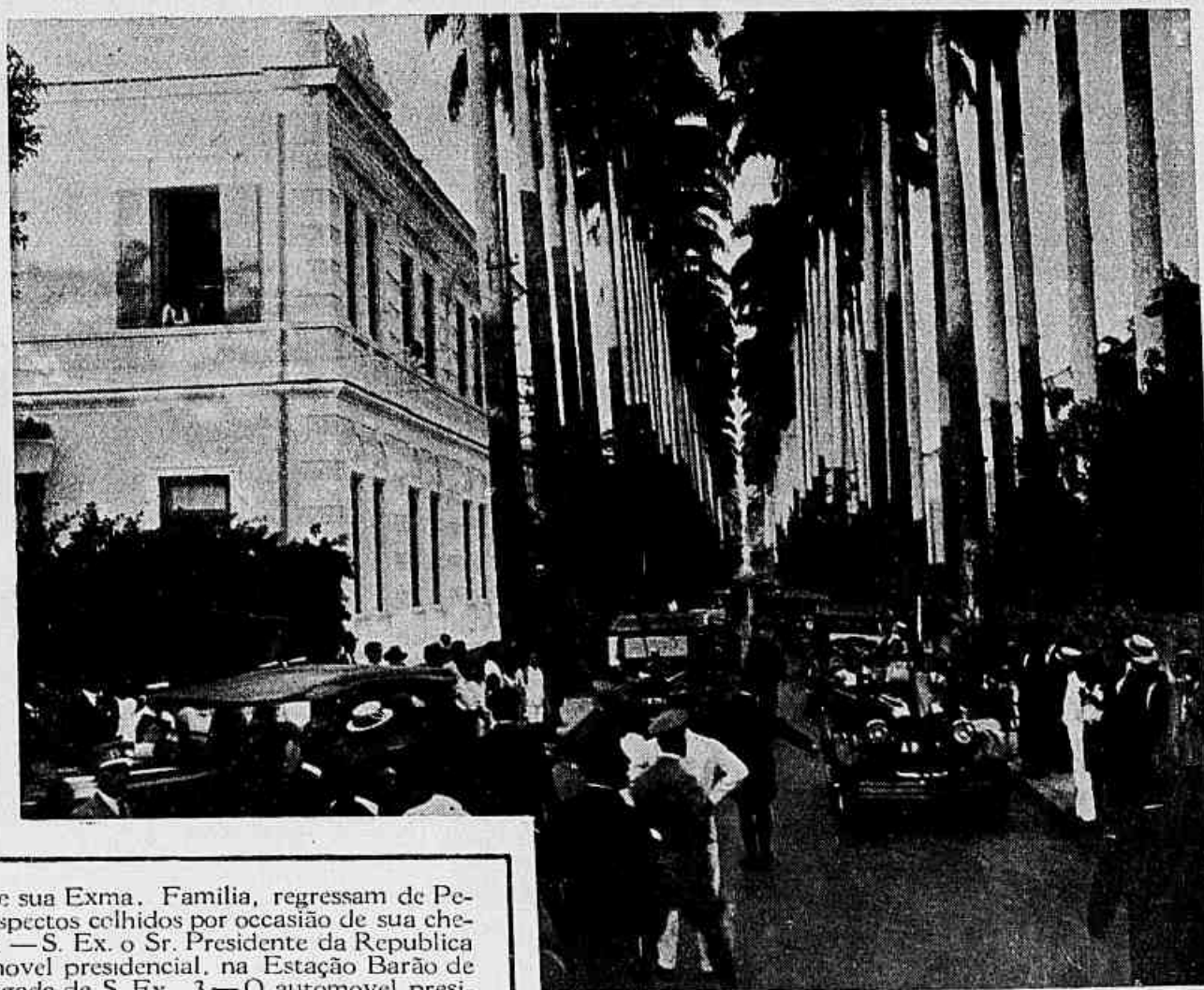
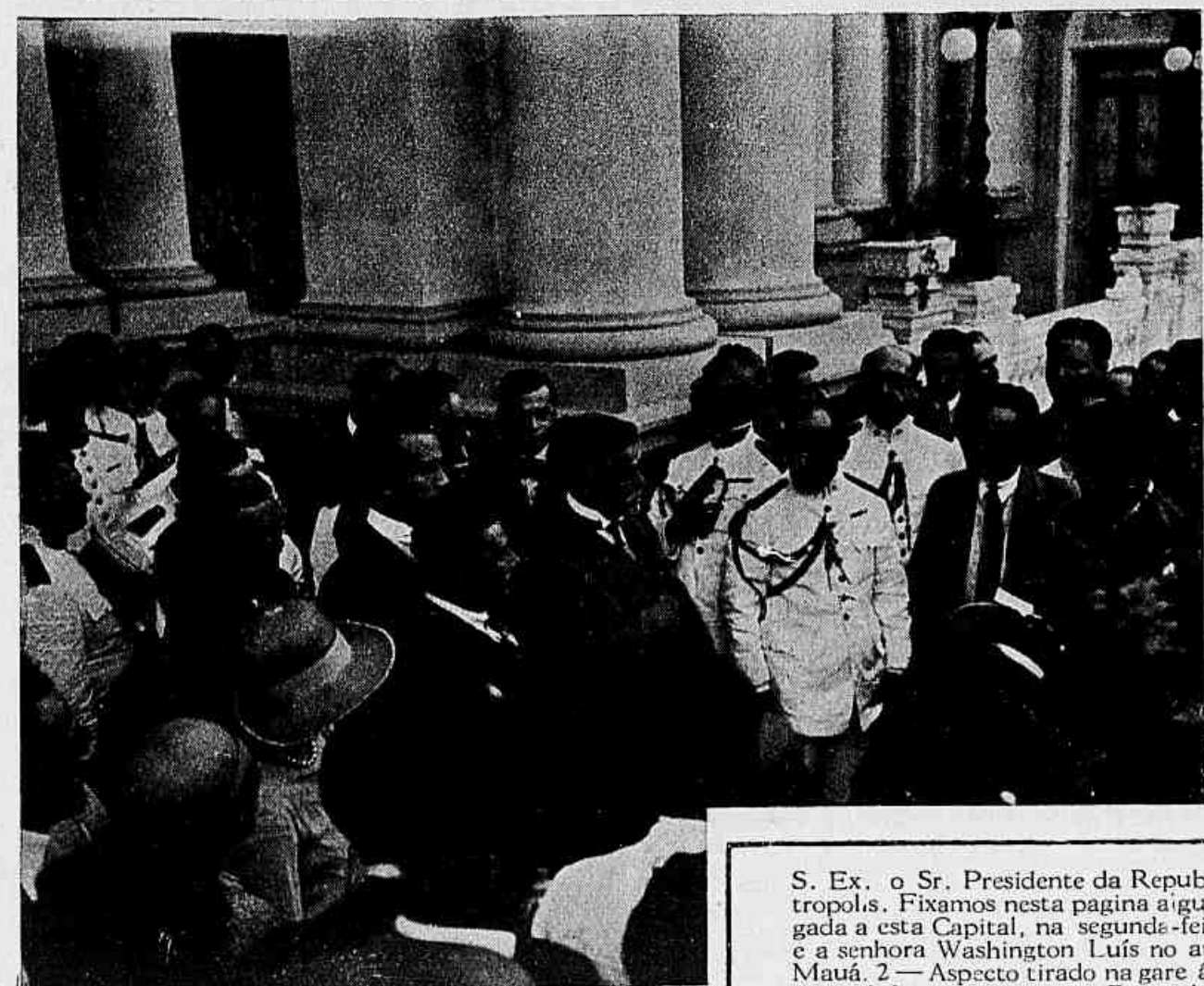
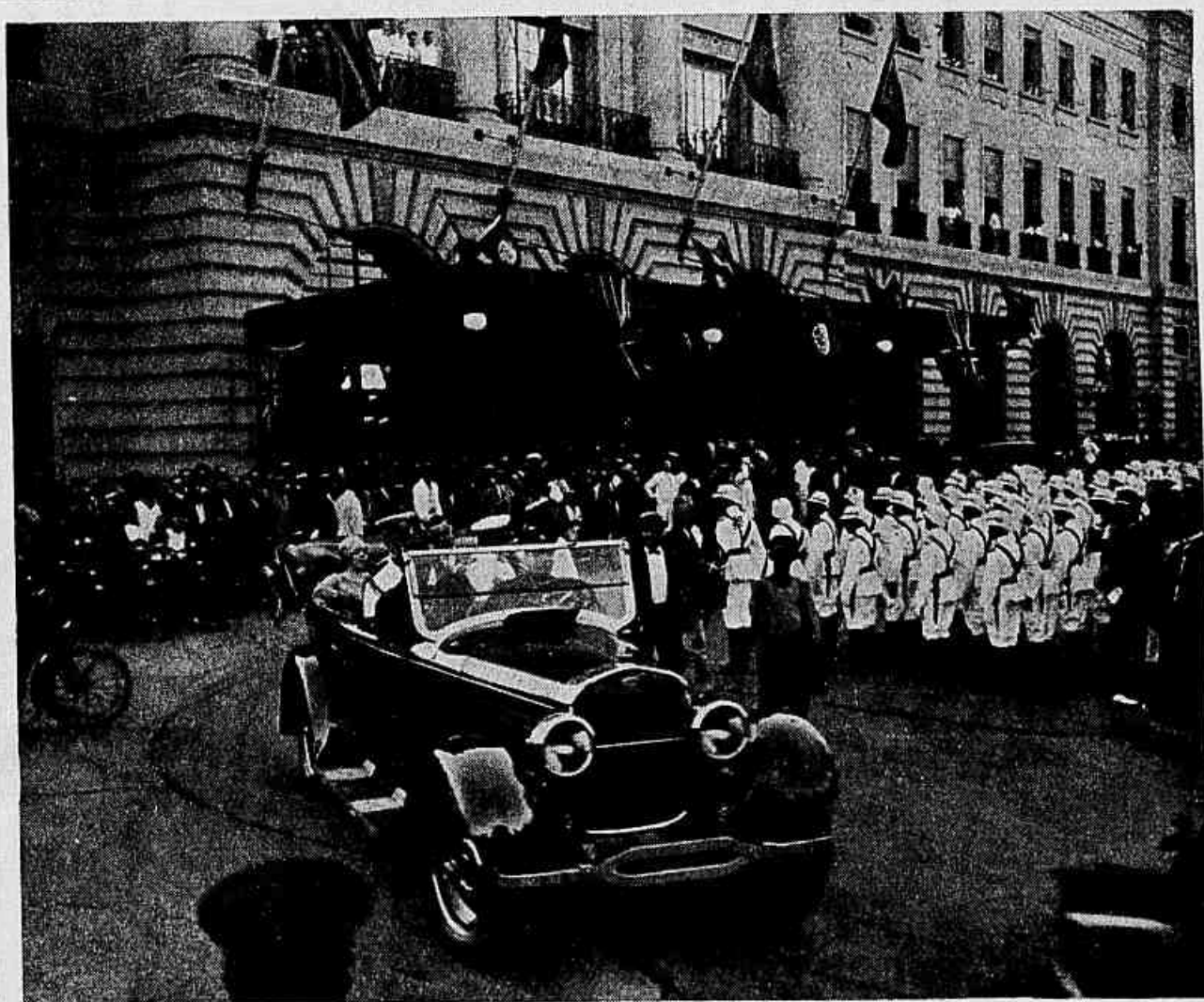
Murillo e Marina, filhos do dr. Julio C. Tavares (Recife — Pernambuco).

Adelnita, filha do dr. Adelmo Machado e d. Annita M. Machado (Bahia).

Maria Alzira, filha de d. Alzira Marinho Falcão (S. Romão-Portugal).

Helio, filho do dr. Antonio Amaral e d. Laura dos Santos Amaral.

Osmar, filho do sr. P. Marques (Matto-Grosso).

O FIM DO VERÃO PRESIDENCIAL

S. Ex. o Sr. Presidente da Republica e sua Exma. Familia, regressam de Petropolis. Fixamos nesta pagina alguns aspectos colhidos por occasião de sua chegada a esta Capital, na segunda-feira. 1 — S. Ex. o Sr. Presidente da Republica e a senhora Washington Luís no automovel presidencial, na Estação Barão de Mauá. 2 — Aspecto tirado na gare á chegada de S. Ex. 3 — O automovel presidencial deixando a estação Barão de Mauá. 4 — S. Ex. em companhia das Casas Civil e Militar e Ministros de Estado, no Palacio Guanabara, recebe as bôas vindas. 5 — Aspecto da rua Paysandú á chegada de S. Ex., vendo-se o corso de automoveis promovido pelos *chauffeurs* do Rio, em honra do Chefe da Nação.

A Praínha

POR ESCRAGNOLLE DORIA

ACABA de perder nome, á espera de perder vida, uma das ruas do Rio de Janeiro tradicional, a rua da Praínha.

Tal nome, outr'ora, designou muita cousa na e da cidade, um bairro, um cáes, um largo, uma rua. O cáes do porto eliminou o da Prainha, a praça Mauá supprimio o largo, acto recente substitue o nome da rua, pouco restando hoje de tanta Prainha antiga.

Toda ella dependia da freguezia de Santa Rita, nascida em Janeiro de 1751 por cuja matriz, ainda de pé, desfilaram prestitos de pena capital nos quaes muitos vivos rodeavam os poucos levados á morte.

Era o largo da Prainha uma das praças da cidade reservadas á execução de Sentenças de morte; pena de talião social.

Em 1825 ahi armaram forca para padecerem nella, "morte natural", João Guilherme Rateliff, João Metrowich e Joaquim da Silva Loureiro.

Implicados na revolução de Pernambuco em 1824, marcada na historia pelo nome de Confederação do Equador, tinham vindo os tres co-réos para o Rio de Janeiro. Esperaram no Aljube, cadeia já no caminho dos supplicios, que lhes decidissem a sorte, deixando passar a vida ou a morte, pelas malhas das leis processuaes.

Passou para elles a segunda, armou-se forca no largo da Prainha. N'ella e n'elle os tres condemnados ajustaram contas com a justiça do tempo, aguardando a da historia, humana como aquella porém paciente por eterna.

Não foi essa a vez unica na qual o largo da Prainha conheceu a forca, para ella trazidos, entre prestito lugubre e apparatoso quantos o destino e a justiça haviam sentenciado a estrebuchar na ponta de uma corda, pondo a lingua de fóra para a vida.

Escravos apresentaram-se na Prainha, para expiação de assassinatos na pessôa de senhores e feitores, pelo veneno ou pela faca, criminosos, ás vezes, n'um assomo de revolta, n'uma onda de sangue quente, outras vezes de sangue frio, na calma sinistra da premeditação.

Se não morre no Aljube, chegaria á forca da Prainha o celebre facinora Pedro Hespanhol, cujo simples nome gelava. As tristes proezas do seu portador eram de echo na cidade até terminal-as a coragem de Antonio Joaquim Candido, inspector de quarteirão de Inhauma, onde se refugiara o predecessor de Lampeão.

Largo da Prainha ficou o sitio até 1871. A Illustrissima Camara Municipal do Rio de Janeiro n'aquelle anno, entendeu chrismar o local.

Posto á direita do morro de S. Bento, entre a rua da Prainha e a ladeira de João Homem, o largo da Prainha deixou em 1871 o luto de antigas recordações. Participou do jubilo nacional da libertação do ventre das escravas, recebendo o nome de largo Vinte e Oito de Setembro.

A denominação, nascida sob bons fados, não pegaria, porém. Vinte e Oito de Setembro só foi lido em placas de esquina. O largo continuou tranquillamente largo da Prainha, por acto dictatorial, silencioso da vontade popular.

Não trocou de nome, desappareceu com elle no momento da construcção da Avenida Central e do Cáes do Porto.

Ainda não sumio de todo, porém, o bairro da Prainha, se um tanto occulto e afastado pelo Caes do Porto.

Agglomeram-se as casas do bairro ao redor de uma igreja muito Rio de Janeiro e muito pouco conhecida, até de cariocas, ora tão *dépaysés* na sua cidade saturada de historia.

O templo de S. Francisco da Prainha é uma das antigas casas de Deus no Rio de Janeiro, mas quantos cariocas a conhecem, meu Deus!

Levanta-se no adro de S. Francisco da Prainha, entre ruas de nome caracteristico, a Funda, de subida para o morro da Conceição e a do Escorrega, na mesma vontade e direcção, e um becco João José. Com certeza nenhuma relação mantem com a peça celebre do theatro hespanhol.

A capella, hoje igreja de S. Francisco da Prainha, muito deveu para existir ao padre Francisco da Motta, datando, ao que parece, de 1696, bastante damnificada pela invasão de Duguay-Trouin, comprehendida no legado que tornou o padre Motta de memoria viva e util na Ordem Terceira de S. Francisco da Penitencia.

Perto da igreja, o cáes da Prainha foi ambicionado, em 1845, pela Companhia de Navegação a Vapor Piedade. Dava transporte a passageiros e a cargas, depositando-os no porto da Piedade em Magé. Solicitou a Companhia a Illustrissima Camara, para abrir, ao lado do Arsenal de Marinha, uma cancella de ferro destinada á atracação da barca Piedade.

Todo o litoral da Prainha, aliás no seculo XVIII, servia a armadores e constructores de barcos, a negreiros, a pescadores e a embarcadiços, dando-lhes sólo para barracas, telheiros e barracões, onde se vendiam tanto postas de peixe como carne escrava.

Um dia, em 1828, acabou com a regalia de annos, ordenada a vistoria, a medição, demarcação e a distribuição de terra para ser formado novo logradouro publico, o largo da Prainha.

Dominavam-o, em 1844, o solar e chacara do Commendador Felippe Nery de Carvalho, situados no largo da Prainha, esquina da ladeira de João Homem, nome conhecido na época colonial, ficando o predio, no esmalte de arvoredos, a cavalleiro do morro do Livramento.

Era um d'esses casarões, que é moda desdenhar agora, solidos, espaçosos, enfeitados com os ornatos do tempo. Estamos na época das casas-colmeias, abelhisados os moradores nos arranha-céos, explicaveis talvez pela pobreza de espaço no sólo do Rio de Janeiro. Subamos, pois, mesmo a preço de descer por outros motivos.

O solar de Felippe Nery, na entrada, era guarnecido por um terraço. Ahi não tinham sido poupados nem o marmore da mais pura alvinitencia, nem o azulejo em toda a riqueza de combinações.

Do terraço desfrutava-se linda vista, indo os olhos de alegria á linha sempre grata de mar, primeiro plano no fundo maravilhoso de paizagens.

Embarcadouro das barcas de Petropolis, na antiga Prainha.

Uma ladeira conduzia ao solar Nery de Carvalho, no enfeite de balaustrada de cantaria á qual, a espaços, davam preço vasos de bôa idéa e bella forma.

Com o mar tão perto a Prainha havia de ser local de trapiches. Não lhe faltaram, dando abrigo a generos da mais variada especie.

A rua da Prainha possuiria edificio celebre, a cadeia do Aljube, no canto da ladeira da Conceição, mais tarde séde do tribunal do jury da Côrte. O immovel parecia não se resignar a deixar de ser casa de crime.

A principio prisão ecclesiastica, tornou-se depois o Aljube prisão commum, a ella recolhidos quantos incommodavam ou feriam a sociedade.

Os registros do Aljube existem e mencionam não raro motivos de prisões bem curiosos; como por exemplo o da prisão de duas mulheres por atirarem limões de cheiro, em carnaval, no sequito de D. Pedro I.

Em 1882, o Aljube agonizou, ruina a ruina, cogitando-se da transferencia do tribunal do jury. Soffreu primeira mudança para o segundo andar do actual edificio da Prefeitura, em 1884.

Desapparecido o Aljube, tornou-se antiga do Aljube e da Vallinha, a rua da Prainha uma das vias publicas tradicionaes mais tranquillas da cidade, sem conhecer trilhos de bonde. Em 1888 quizeram chamal-a rua Vieira da Silva, ministro do gabinete abolicionista João Alfredo. Foi em vão, o povo não se importou com o acto da Camara Municipal.

O prolongamento e a rectificação da rua da Prainha, em 1828, déra azo a renhida questão entre Manoel Fernandes da Silva, tanoeiro no sitio da Prainha, e Manoel Francisco Martins, dono de um estaleiro no largo da Prainha. Tudo sem duvida com gaudio da gente do fôro, de juizes a meirinhos. Com a justiça não se brinca, costuma dizer o povo, sem accrescentar a justiça não fia.

O terreno do constructor naval Martins ficava á beira mar na Prainha, nas cercanias do Arsenal de Marinha. Aforaram-o, vinte annos depois, e Barão de Villa Nova do Minho cuja herança ruidosa e complicada tambem alegrou a tribu forense.

O terreno da Prainha foi fadado a questões judiciaes. Após Martins, após Villa Nova do Minho, a Companhia Estrada de Ferro Pedro II pretendeu a posse do sitio, para estabelecer estação terminal, bem afastada pois da actual e á beirinha d'agua. Levantou-se logo um pleito, de 1857 a 1877, terminando pela victoria dos herdeiros de Villa Nova do Minho.

Por ultimo a população de escól do Rio conheceria o largo da Prainha como embarcadouro para Petropolis, partindo d'ahi a barca para Mauá. Onde a estrada de ferro recebia passageiros para guindal-os á serra, ante-camara escarpada da cidade-joia: Petropolis.

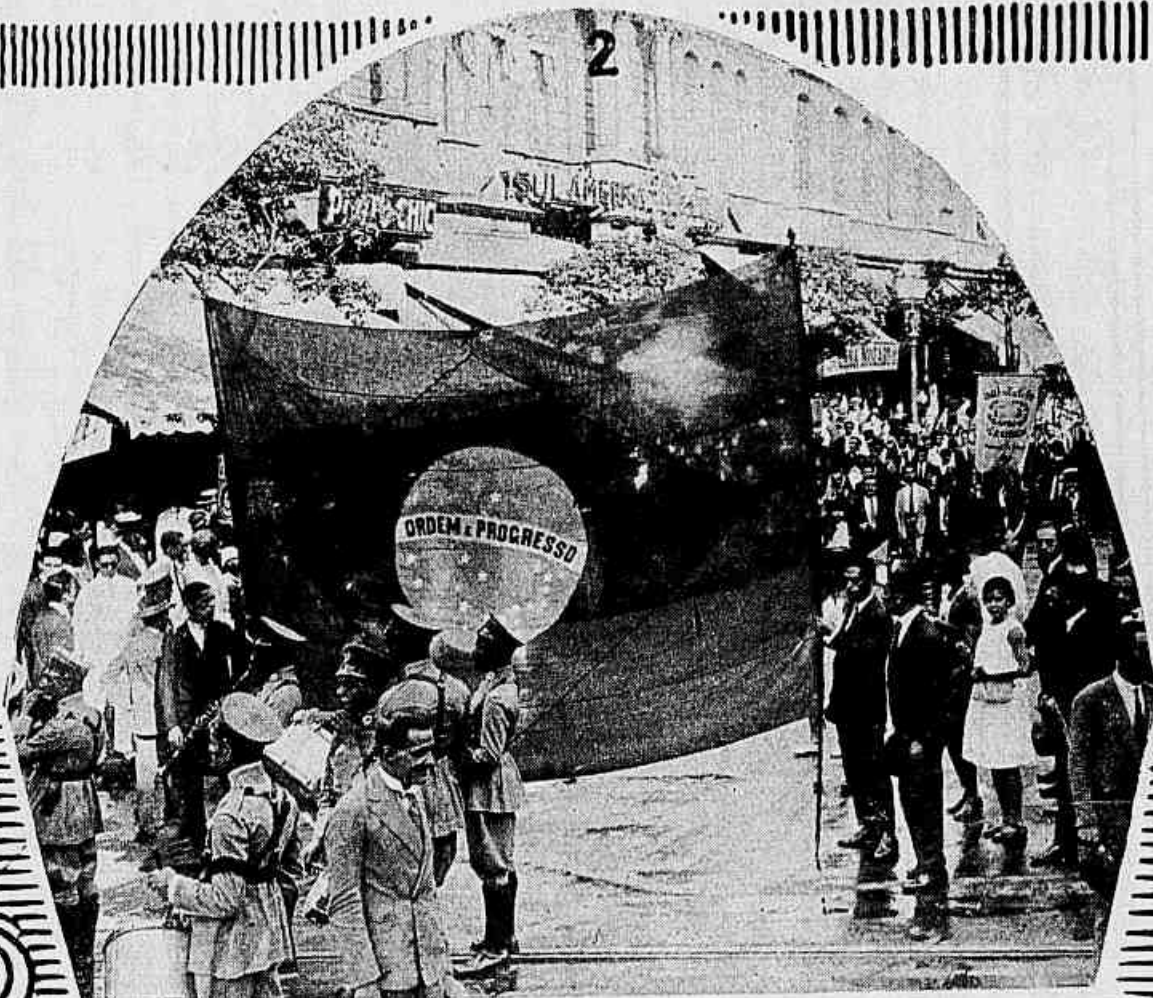
As pessôas, os viajantes mais illustres palmilharam o largo da Prainha para tomar a barca e realizar um dos mais formosos passeios maritimos pela bahia do Rio de Janeiro, passeio tão apreciavel que mesmo os diarios de Petropolis não se cançavam d'elle.

Animava-se o largo da Prainha com a partida e a chegada das barcas. Carros e tilburys ahi estavam para conduzir passageiros onde determinassem.

A praça Mauá substituira o largo da Prainha na capital cujo trafego cada vez se congestiona mais, dizem.

Um personagem, de Rabelais, cremos, se queixava que a altura das casas o impedia de vêr Pariz. Ainda não nos lembramos de um meio facil e radical de descongestionar o trafego urbano em nossa querida cidade: arrazal-a.

Escragnolle Doria

O DIA DE TIRADENTES

1 — A sra. Rosalina Coelho Lisbôa Miller, a brilhante poetisa do "Rito Pagão" e prosadora do "Desencantado Encantamento", a Rainha dos Estudantes, junto da estatua de Tiradentes. 2 — A passagem do prestito civico pela Avenida Rio Branco. 3 — Junto da estatua do Martyr: um estudante discursando. 4 — A sra. Rosalina Coelho Lisbôa Miller fazendo o seu lindo e patriotico discurso. 5 — Os escot iros enchendo as escadarias da Camara dos D putados.

Imponente aspecto tirado junto da estatua de Tiradentes, deante do Palacio da Camara, quando o grande prestito civico, que se organizou para commemorar o Dia do Martyr, enchia a praça monumental de galhardetes, bandeiras, pavilhões e legendas patrioticas. Junto da estatua de Tiradentes, a Rainha dos Estudantes, a brilhante escriptora e poetisa sra. Rosalina Coelho Lisbôa, no momento em que produzia um vibrante discurso.

ANNIVERSARIOS

No dia 28 — senhoras Cicero Seabra e Marieta Luiz de Carvalho; as senhorinhas Octacilia Washington e Herminia Morado; o eminente poeta Alberto de Oliveira, da Academia Brasileira; os drs. Bento Ribeiro de Castro, Luiz Cirne Lima, Didimo da Veiga e Fausto Moreira.

No dia 29 — a exma. viuva Collatino Góes: as senhorinhas Adelina Ferrari, Fernandina Almeida Carneiro e Baby Barroso do Amaral; a galante Amelia Mendes da Silva; e dr. Armando Duque Estrada.

No dia 30 — as sras. Celeste de Mattos Faria; senhorinhas Lucia Velloso de Lacerda, Nair Alvaro Zamith, Marina Tancredo Burlamaqui e Joaquim Pires de Albuquerque; o dr. Raul de Campos; commandante Leopoldo Bandeira de Gouvêa; o dr. Pereira Brasil; a senhora Thereza Lobo, virtuosa esposa do senador Pereira Lobo.

No dia 1 — as sras. Hilda Carvalho Pareto e Consuelo Pareto Junior; senhorinhas Stella Autran, Clara Barbosa de Almeida, Zamelina Rangel, Celina da Silva Serra; o eminente professor Miguel Couto, Maria Emilia Pereira dos Santos; o embaixador Barros Moreira; os drs. Adolpho da Costa Madruga e Julio Marcondes do Amaral; o sr. Manoel Monteiro Pessôa.

No dia 2 — as sras. Julia de Azevedo Lima, Hipolito de Oliveira, Julieta Proença, e Beatriz Brito Durão; as senhorinhas Marieta Coelho Machado, Laura Raul Rego, Eugenia da Silva Tinoco e Leontina Cardoso; o professor Dario Callado; o commendador Pinto de Castro.

No dia 3 — as sras. Maria Antonietta Silva Brandão, Adelina Jannuzzi, Augusta Lima de Vasconcellos e Alice Ponte Guarany; a senhorinha Anhady Thaumaturgo de Azevedo; os drs. Evaristo da Veiga, J. de Mello Machado, Jayme Castro Barbosa e Jayme de Vasconcellos.

No dia 4 — a baroneza Pinto Lima; as sras. Maria Julia de Paiva Chagas, Laurinda Santos Lobo, Mario Alves, Emma Castro e Silva; a senhorinha Thais Accioly; o senador Felippe Schmidt; o poeta Luiz Murat, da Academia Brasileira de Letras; os drs. James Darcy, Mario dos Passos Machado Monteiro; o professor Rego Lago; o capitalista Ribeiro Gomes.

NOIVADOS

— a senhorinha Carmen Reis e o dr. Itamar Temporal;
— a senhorinha Zelinda Pereira e o sr. Alfredo Brilhanté da Costa;
— a senhorinha Herminia Pillagane Gomes e o 2.° tenente José Avelino de Barros;
— a senhorinha Maria José Monteiro de Castro e o dr. Newton Guimarães Santos;
— a senhorinha Alcina Lopes e o sr. Alberto Carvalho;
— a senhorinha Adalgisa Arruda e o sr. Antonio Lupperini.;
— a senhorinha Rachel Moreira e o sr. Raymundo Ferreira Xavier.

CASAMENTOS

— a senhorinha Alice Soares Brandão e o sr. Raul Rocha Lisbôa;
— a senhorinha Lucia Rutowitsch e o dr. Luiz Horta Rodrigues;
— a senhorinha Yolanda de Sá e o sr. Gualberto Sampaio;
— a senhorinha Aurea Bezerra Cavalcanti e o sr. Roldão de Barros.

*

Em Petropolis: — a senhorinha Yara Bischor e o dr. Mario Penna da Rocha.

Em Florianopolis: — a senhorinha Marieta Maria Cotrim von Trompowsky e o dr. Felinto Ararigboia.

OS QUE VIAJAM

Chegaram ao Rio: — o 1.° tenente Moacyr da Costa Seixas, que regressou de Belém; o sr. Francisco Souza Costa, que regressa de sua viagem á Europa; o dr. Francisco Peixoto de Magalhães Netto, chegado da Bahia; o marechal Gabriel Botafogo e familia que voltam de Porto Alegre; o dr. A. Costa Gama, procedente do Espirito Santo; o sr. Felix Guimarães, que regressa de sua viagem de recreio á Europa.

Deixaram o Rio: — o dr. José Ribeiro Saback, que regressa ao Pará; o pianista patricio Maurillo Lyra, que vae a Bello Horizonte dar uma série de concertos; o senador Vespucio de Abreu e familia, para a Europa; o capitão A. J. da Nobrega Filho, que se destina á Bahia; o deputado Pessôa de Queiroz e familia, que seguem para a Europa; o sr. Thadeu de Medeiros Filho, que se destina ao Velho Mundo.

OS FILHOS DE D. LUIZ

Suas altezas o principe imperial do Brasil, D. Pedro Henrique (sentado) e seu irmão D. Luiz Gastão, filhos do principe D. Luiz de Orleans e Bragança. (Photographia tirada em principios do corrente anno).

VERANISTAS

Com o prolongamento deste verão, prolonga-se tambem a descida das figuras brilhantes da nossa sociedade. Tudo veraneia, gosando o fresco e o ar puro das montanhas. Emquanto o Rio escalda, sacrificando os que não puderam abandonal-o, os veranistas adiam o seu regresso.

As cidades aquaticas estão lindas, movimentadissimas; as serranas, no emtanto, já muito abandonadas. Petropolis, que foi a rainha, este anno, neste momento acha-se insipida.

A não ser alguns *assustados* nada mais ha!

Essa linda cidade podia tornar-se o mais grato e salutar refugio estival, se não houvesse convencionado que o dever dos que se acham ali é... inventar divertimentos para todos. De maneira que, não havendo os immensos *festivaes de caridade*, julgam-se todos *roubados* e vem uma incomparavel melancholia que a todos attinge, e com ella o desejo de voltar o mais breve possivel... mas, como o calor no Rio escalda, apertam as correias das malas e fogem para as aguas.

Assim é que, quer Caxambú, Cambuquira, Araxá, S. Lourenço, Poços de Caldas ou Aguas Virtuosas, todas ellas têm tido os seus hoteis e villinos sempre abertos e em festas. São passeios a pé ou a cavallo, em grandes grupos, pic-nics, serenatas em noites enluaradas, jogos de prendas, emfim, um sem numero de divertimentos para todos e para o encanto de todos, o que faz com que não haja vontade nenhuma de voltar...

*

Para Aguas Virtuosas: — os drs. Euripedes Silva Santos e senhora; Pompeu Quintão e senhora; Franklin de Almeida Castro e familia; o coronel Arthur Fajardo e familia.

*

Para Cambuquira: — o sr. Reynaldo Sodré e senhora; o sr. Abilio da Silva Girão e familia.

*

Para Poços de Caldas: — o dr. Ricardo Braga e familia; o coronel Antenor Machado da Silveira.

*

Para Araxá: — os drs. Roberto Gonçalves e Octavio da Silva Telles; a sra. Custodia Ramos Gonçalves.

*

Para Caxambú: — o sr. Antonio Vianna e familia.

*

Para Vassouras: — os drs. Sylvio de Mattos e senhora e Candido Marinho e senhora; o coronel Alberto de Magalhães e filha.

*

De Aguas Virtuosas: — os drs. Oswaldo de Mesquita e senhora; Albel de Brito e senhora; o sr. Antonio Salles familia.

*

De Petropolis: — o dr. Flavio da Silveira e familia; o senador Azeredo e senhora.

*

De Vassouras: — o dr. Heitor Branco e familia; a senhorinha Regina Braga; o dr. Luiz Dutra e familia; a senhorinha Amanda Bastos; o coronel Elviro Chaves e familia.

*

De Araxá: — o dr. Ernesto Pinto e filha; o coronel Luiz Ribeiro e familia.

*

De Poços de Caldas: — o dr. Galileu Vasconcellos e familia.

*

De Caxambú: — o dr. Hildebrando Braga e familia.

O DIA DA MARGARIDA

Mais uma vez vae se repetir este formoso e alegre dia — da Margarida!

Isso no proximo dia 5. Percorrerão a cidade em todos os seus pontos as distinctas senhoras de "Caritas Social", offerecendo uma margarida em troca de um obulo qualquer, que se destinará a soccorrer tantas moças pobres desprotegidas da sorte.

Na ultima reunião realizada no palacete Azeredo, sob a presidencia da sra. Léa da Silveira, as distinctas *patronnesses* muito trabalharam e combinaram providencias para o mais brilhante exito do "Dia da Margarida".

Para o proximo dia 4 ficou fixada uma outra reunião, á tarde, na séde de "Caritas Social".

DECLAMAÇÃO

Annuncia-se para o proximo dia 3 uma formosa tarde de declamção, da senhorinha Genita Horta de Araujo, que deliciará uma assistencia elegante com um escolhido e suggestivo programma.

M. DE D.

CARNET

Meu amigo:

O Outono é o declinio; é o amarellecer das folhas que tombam na tristeza muda e resignada das cousas que vão morrer. Paira em tudo a fumaça tenue que esmaece a energia dos coloridos, e num lampejo de saudade olham-se os dias que passaram no esplendor causticante do Verão.

O Outono é a revelação tacita do prenuncio do Inverno; o rapido cair da noite em contraste com as longas tardes do Estio; é o primeiro cabello branco na cabeça da mulher vaidosa; é um sulco de vida da proximidade do frio.

O Outono tem o caracteristico das cousas indefinidas: um aperto de mão inexpressivo, um olhar de incerteza, um gesto de indecisão; a languidez fatal das cousas vacillantes e dos que chegaram ao meio da jornada e olham a vida que viveram para delinear emfim aquella que ha de vir.

E' ahi que está a encruzilhada dos destinos: uns vão pela estrada da Revolta, outros seguem, serenos, pela da Resignação. Entretanto, oh! meu amigo, de que valem as Estações quando é dentro da alma de cada um que ellas estão verdadeiramente?

Se as folhas tombam, a arvore renova-se e se a matam, se a queimam ella conserva ainda o seu feitio na negrura do carvão.

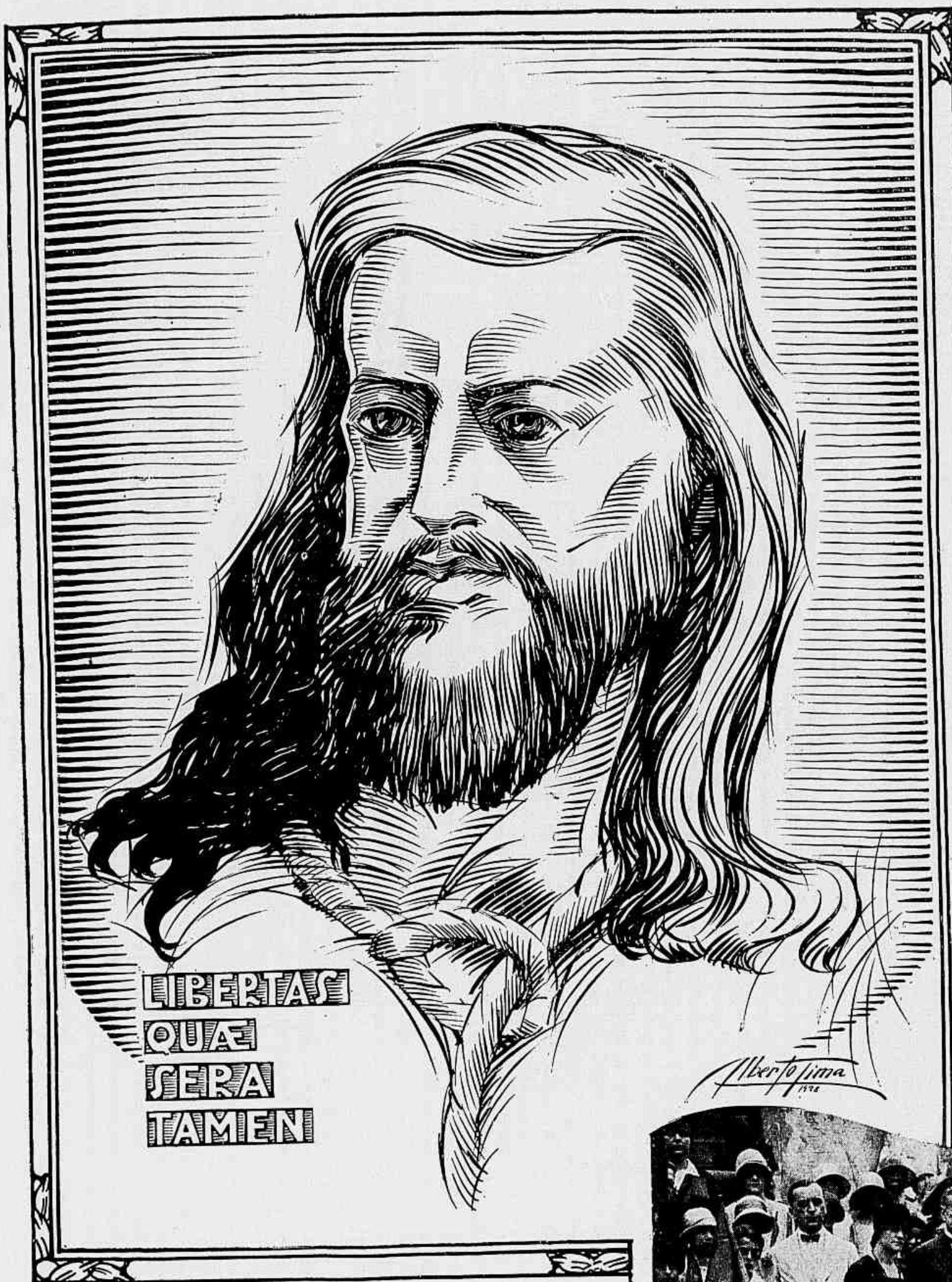
E' o eterno symbolismo, é a lei biologica que rege os destinos da Natureza.

Mas a verdade maior é que symbolos e leis peccam pelas surpresas das excepções.

Incontestavelmente, existe apenas a verdade da vida e da morte!

Esqueçamos, pois, o nosso Outono, diante da fagueira visão da Primavera, através das laminas de gelo desse Inverno que ora se annuncia.

Muitas saudades da

Maria de Lourdes

O Monumento ao Proto Martyr

1 — Tiradentes. Compcsição do nosso companheiro Alberto Lima. 2 — A *maquette* do monumento ao Proto-Martyr da nossa Independencia. 3 — Grupo feito no Largo da Carioca, no local onde foi lançada a pedra fundamental do monumento, vendo-se ao centro o sr. ministro Godofredo Cunha, presidente do Supremo Tribunal, tendo á direita o sr. Mora y Araujo, embaixador da Argentina, e á esquerda o major Affonso Ferreira, representante do sr. Presidente da Republica. Vêem-se tambem, entre outros, os representantes dos senhores ministros da Justiça, Marinha, Exterior e Fazenda e do sr. Prefeito. 4 — Aspecto do local durante a ceremonia. 5 — O sr. Amaro da Silveira, o doador do monumento, discursando no acto.

NOTICIAS E COMMENTARIOS

ACABOU-SE O VERÃO

Que importa que os thermometros continuem a subir, a subir barbaramente dos 30 para cima? Que importa que a gente morra asphyxiado na mais torturante das temperaturas?

Acabou-se o verão! Por consequencia, não ha quem tenha o direito de dizer que sente calor. Quando começa a estação estival, tem inicio a subida para as serras dos 300 de Gedeão, da gente elegante, que tem dinheiro e sabe gastal-o. Sóbe para Petropolis o sr. Presidente da Republica. Faça a temperatura que fizer, é verão!

Agora, S. Ex. desceu e, assim, está proclamado o fim da estação. E aquella gente toda que havia subido torna a descer e aqui, no Rio, em plena canicula, não haverá uma só creatura de sociedade que tenha coragem de dizer que ainda estamos no verão.

O Presidente da Republica não desceu já de Petropolis? Não está já no Rio de Janeiro, abanado no Guanabara pelos leques das palmeiras de Paysandú?

Está. Pois, então, é isso mesmo: Acabou-se o verão!

O PRINCIPE

Será hoje consagrado no bronze o eminente poeta e academico Alberto de Oliveira, vulto de relevo inconfundivel nas lettras indigenas. A homenagem que será tributada ao Principe dos Poetas Brasileiros é dessas que se justificam por todos os motivos, bastando a só circumstancia de ser Alberto de Oliveira uma figura quasi symbolo na poesia Nacional.

Este commentario, entretanto, não visa a justiça que se vae fazer: visa a justiça que se não fez. Antecedeu a Alberto de Oliveira no Principado da Poesia Brasileira o grande Olavo Bilac, o poeta maravilhoso que se recorda com intensa saudade e que os porvindouros lembrarão como uma das mais gigantescas figuras nacionaes. Bilac, porém, teve apenas, até hoje, uma placa de marmore em um canto de rua, devida aos Escoteiros. Por que não se lhe ergue um monumento? Por que, se elle tanto o mereceu e se esse monumento bem pequeno seria — por maior que fosse — comparado a esse outro que ergueu á Nação no ouro dos seus versos?

Alberto de Oliveira, poeta de raça e de suprema envergadura, bem ha de agradecer a justa homenagem que lhe será prestada; mais ainda, porém, agradecel-a-ia, se podesse sentir que, junto do seu, se ergueria o monumento consagrado ao seu irmão de Ideal e de Sonho, que com elle tanto honrou e engrandeceu a Poesia Brasileira.

Festa de despedida á directora miss King pelas socias da Associação Christã Feminina.

A LIBERTAÇÃO DOS MENORES

Terminou, com um feliz epilogo, a rumorosa questão dos menores, prohibidos, quando de edade inferior a 18 annos, de entrar nos theatros, pelo Juiz Mello Mattos.

Em principio, como já dissemos, o que moveu o Juiz de Menores foi o desejo de levantar o nivel moral dos theatros cariocas, que descambam clamorosamente para a mais insolente licenciosidade. Fel-o, entretanto, o sr. Juiz Mello Mattos com algo de violencia, dando golpes nas pessôas ao invés de fazel-o nos costumes, transformando-se em pae de todos os menores filhos-familias, quando deveria promover a devida modificação nos habitos arraigados nas emprezas theatraes.

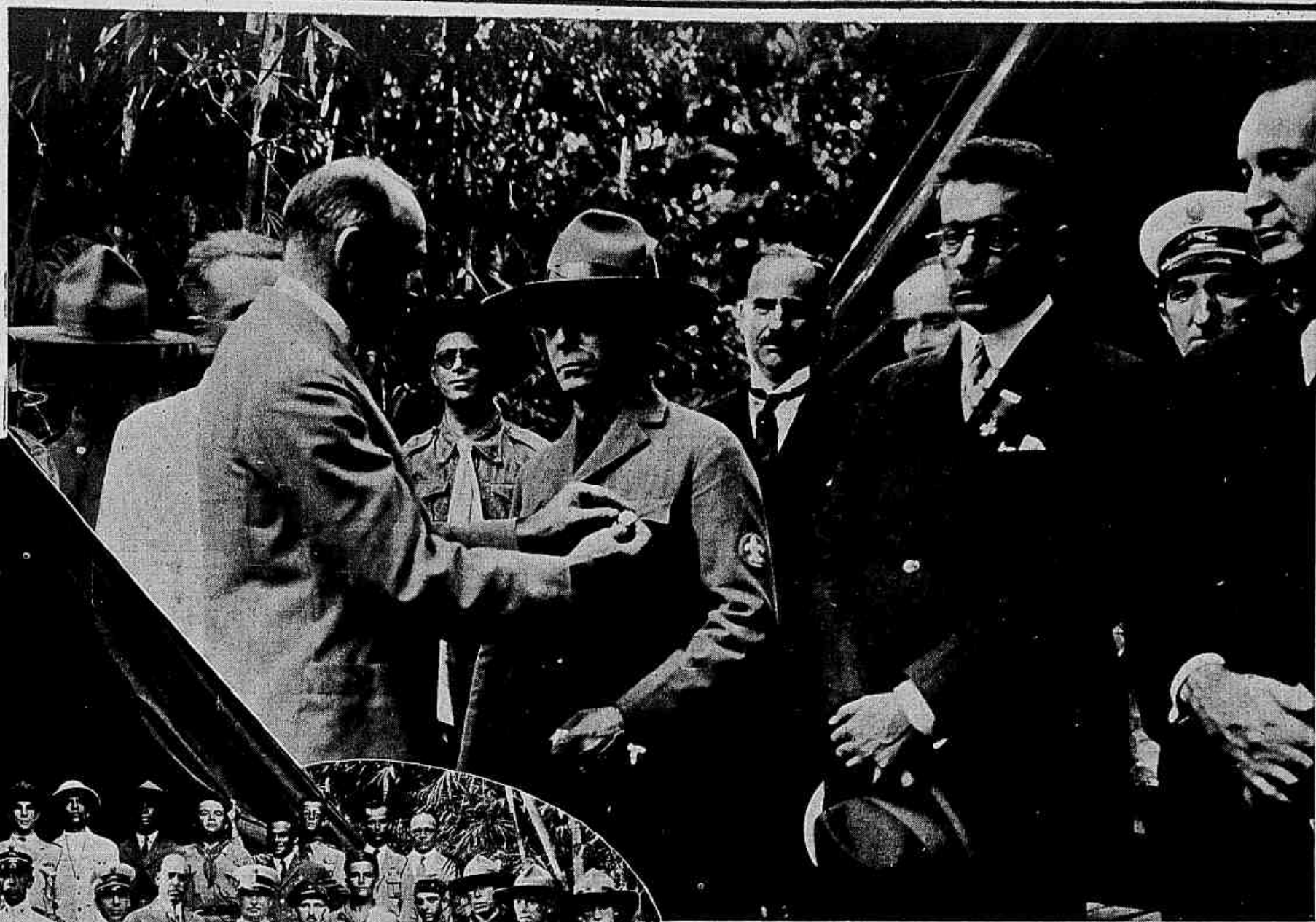
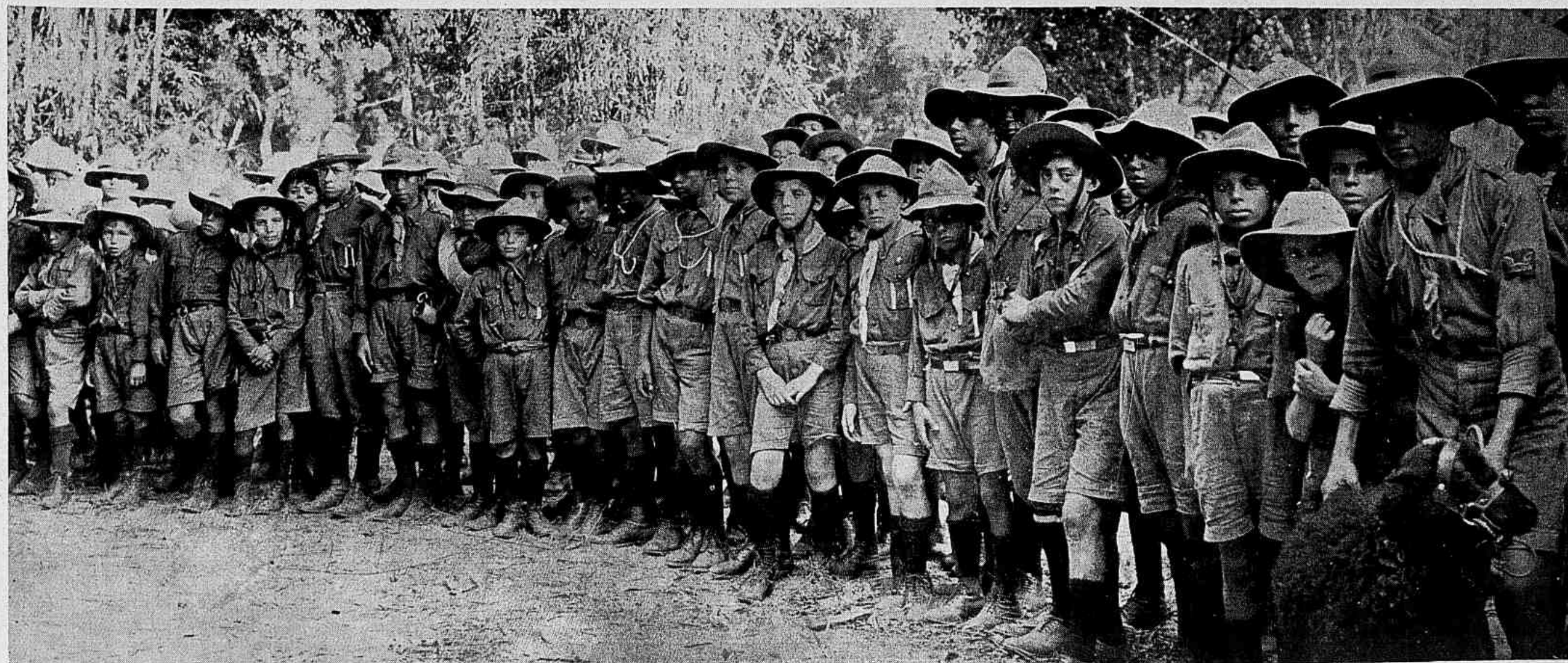
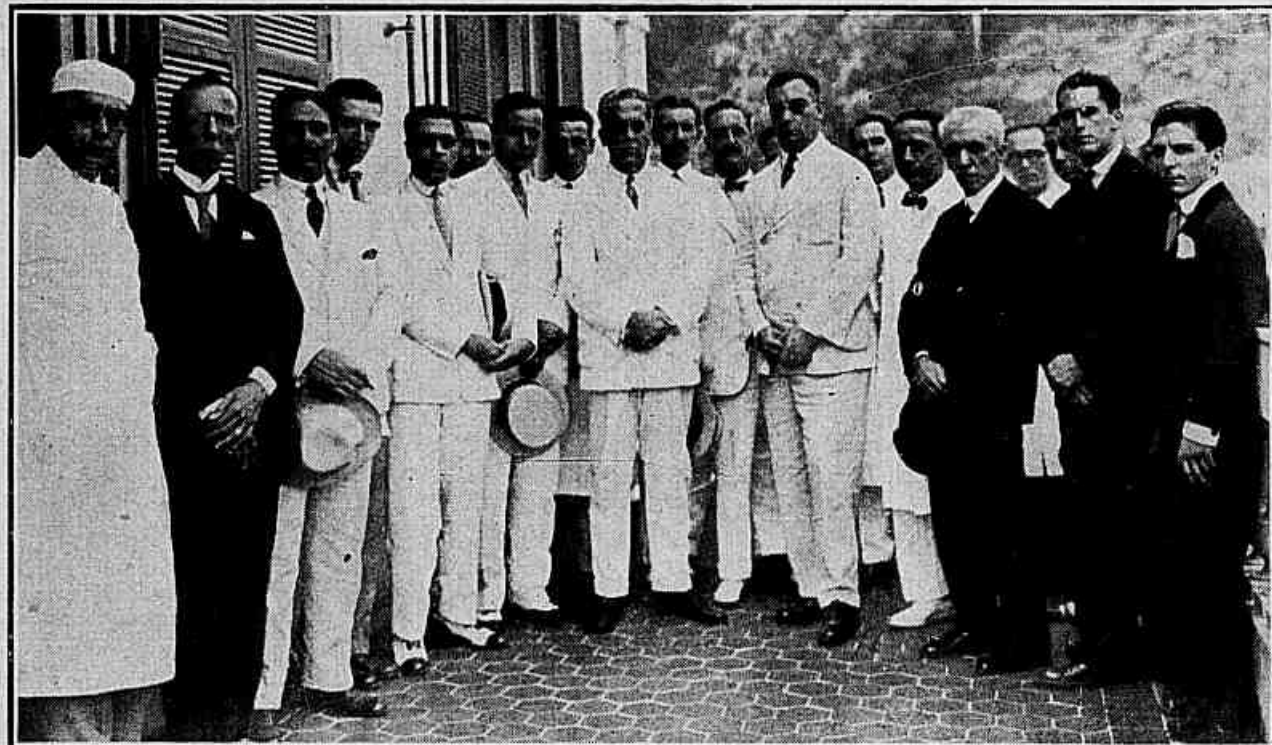
Suspenso pela Côrte de Appellação do exercicio das suas funcções, e cassadas as suas ordens, o Juiz Mello Mattos acabou por vêr o Supremo Tribunal Federal confirmar o caracter de irrecorrivel que se dizia ter a deliberação do Conselho Supremo da Côrte.

Está, portanto, firmada a liberdade dos menores. E nós nos sentimos muito á vontade para constatal-a com jubilo, por isso que sempre rendemos ao Juiz Mello Mattos as mais justas homenagens e sempre tambem profligámos o descalabro do theatro.

Com esta isenção de animo não nos vae mal o commentario que ora fazemos.

O DIA DA MARGARIDA

As damas de Caritas Social reunidas nos aristocraticos salões do palacete do Sr. Antonio Azeredo para concertar as providencias attinentes á proxima realização do « Dia da Margarida ». Ao centro, no primeiro plano, a senhora Antonio Azeredo; de pé — a terceira a contar da esquerda — a senhora Léa Azeredo da Silveira, que presidiu á reunião. A senhora A. Azeredo offereceu, após a reunião, um chá, de que participaram as senhoras embaixatrizes Oscar Teffé e Attolico, Affonso Penna Junior, Maria Barbedo, Umberto Matarazzo, Sylvino Freire, Florencio de Abreu, Bomilcar da Cunha, Diva Dantas, Kata Moreira da Fonseca, Gabriel Bernardes, Plinio Olinto, Raul Bonjean, Cancio do Rego, Machado da Costa, Aureliano Amaral, Moreira Sampaio, Justina Brandão, Elisa Costa, Emilia Bahia, Luiz Hermanny Filho, Hermenegildo de Moraes, Esther Ferreira Vianna, Octavio de Almeida Gama, Crenilda Marchesini, Epaminondas Magoulas, Paulo Azeredo, João Augusto Alves, Adolpho Carneiro de Mendonça, Cypriano da Silveira, C. Voullemier, J. Carneiro de Mendonça, Octavio Brito, João Lopes, Manoel Bomfim, Domingos Louzada, João Pedro Belfort Vieira, Polybio Braga, Bianchini, Franzoni e senhorinhas Lourdes Lima Rocha e Bahiana.

A Semana Escoteira

1 — O Sr. Ministro da Polonia appondo ao peito do Sr. Affonso Penna Junior, Presidente da União dos Escoteiros, a Grã-Cruz Escoteira do seu paiz. Ao lado do Sr. Affonso Penna Juuior os Srs. Manuel Duarte, Presidente do Estado do Rio de Janeiro, e Rogelio Ibarra, Ministro do Paraguay, que, juntamente com o Sr. Embaixador da Argentina, recebeu a condecoração conferida pela União dos Escoteiros do Brasil. 2 — No acampamento do Parque Fagundes Varella, no Fonseca, em Nictheroy: altas autoridades do E. do Rio e pessôas gradas, vendo-se sentado o Sr. Presidente Manoel Duarte, tendo á direita o Sr. Affonso Penna Junior e á esquerda os Srs. Ministros da Hespanha e do Paraguay. 3 e 4 — Dois aspectos tirados no acampamento.

NOTICIAS E COMMENTARIOS

A posse do eminente prof. Fernando de Magalhães no cargo de novo consultor do serviço de cirurgia gynecologica da Beneficencia Portugueza junto ao Hospital Visconde de Moraes. No primeiro plano, o dr. Fernando de Magalhães, tendo á esquerda os srs. Jayme Sotto Maior, thesoureiro, e dr. Jorge Monjardino, director do Hospital.

OS BONDES DE 100 RÉIS

O que a Light vem fazendo, de ha certo tempo para cá, com o bonde "S. Luiz Durão", já não é um a questão de pouco caso: chega a ser um escarneo para os moradores de S. Christovão e para a fiscalisação da Prefeitura que, segundo parece, é coisa inexistente.

Nem vale mais a pena lembrar que, por força de contracto da velha Comp. S. Christovão, a Light é obrigada a manter uma linha com a denominação "Campo de S. Christovão", com trajecto pela praça da Bandeira e ao preço de 100 réis, nas horas de maior movimento.

Para illudir ao publico e á Prefeitura, a Light levou o bonde de S. Luiz Durão, linha da antiga Villa Izabel, ao Campo, com caminho por Figueira de Mello, Mangue, S. Diogo, etc., contrariando o contracto; mas, mesmo assim, bem servindo ao publico, tal a concurrencia de passageiros que a qualquer hora entupia carros motores e reboques.

Agora, este bonde, desviado para o Cáes do Porto, tornou-se traste absolutamente inutil, forçando, já se vê, os passageiros a procurarem conducção nos vehiculos de 200 réis.

O publico que percebe a manobra indecorosa que lhe rouba um bonde de 100 réis, pasma do descaso da Prefeitura e lastima que uma companhia poderosa, que explora serviços rendosissimos, seja tão mesquinha, tão sordida nos seus processos de augmentar a renda.

E assim a Light vae supprimindo, aos poucos, do contracto, tudo o que não lhe convem; o bonde de 100 réis é uma dôr de cabeça permanente nos seus dirigentes, que tudo fazem por supprimil-o, e tudo vão conseguindo, graças á desidia e ao pouco caso que se liga, nesta terra, aos interesses do povo.

AMILCAR MARCHESINI

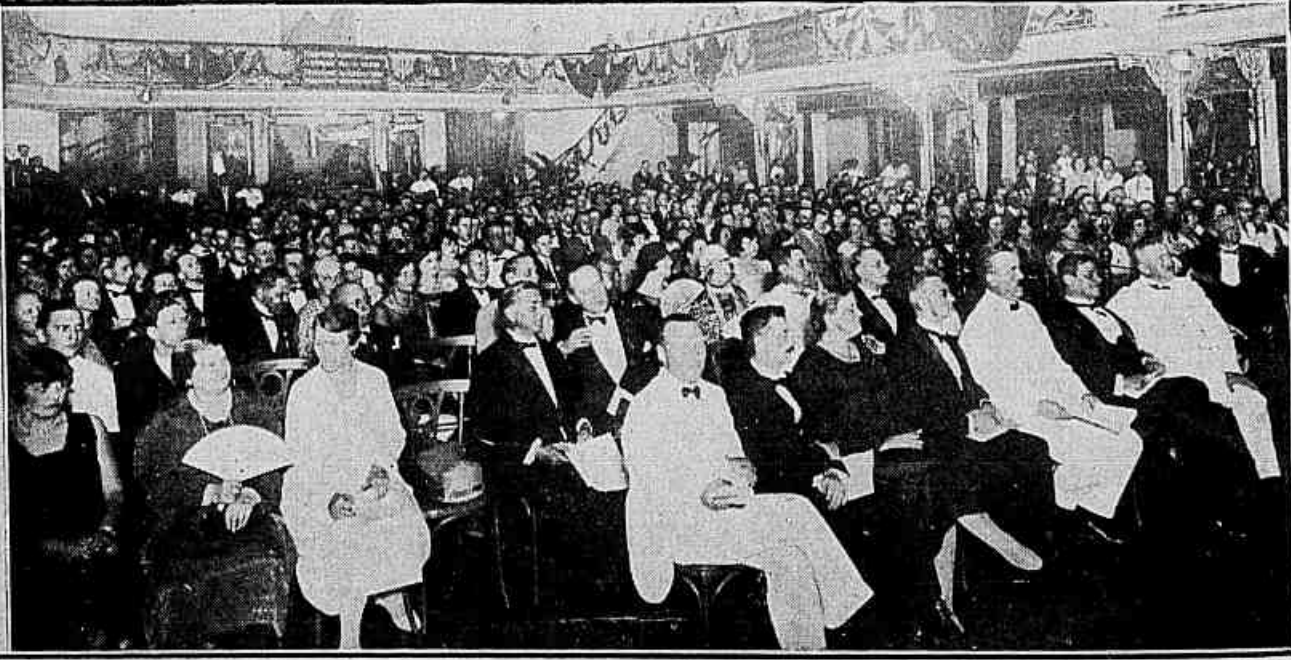
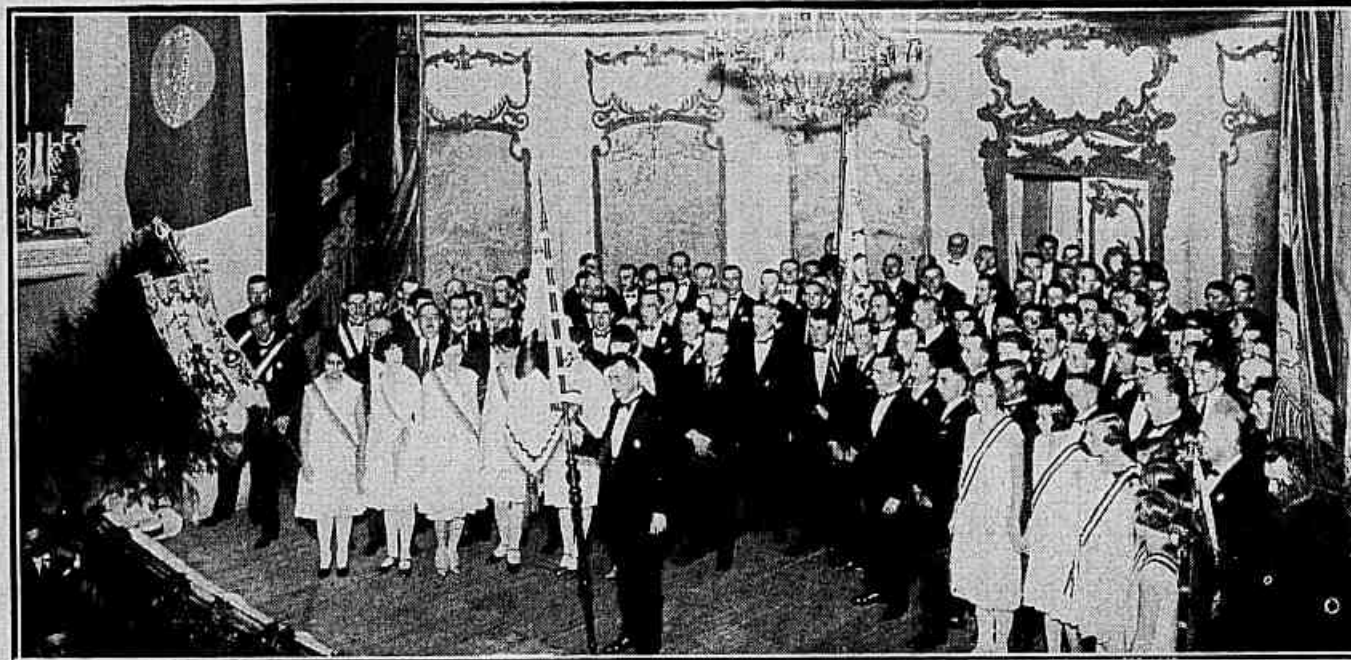
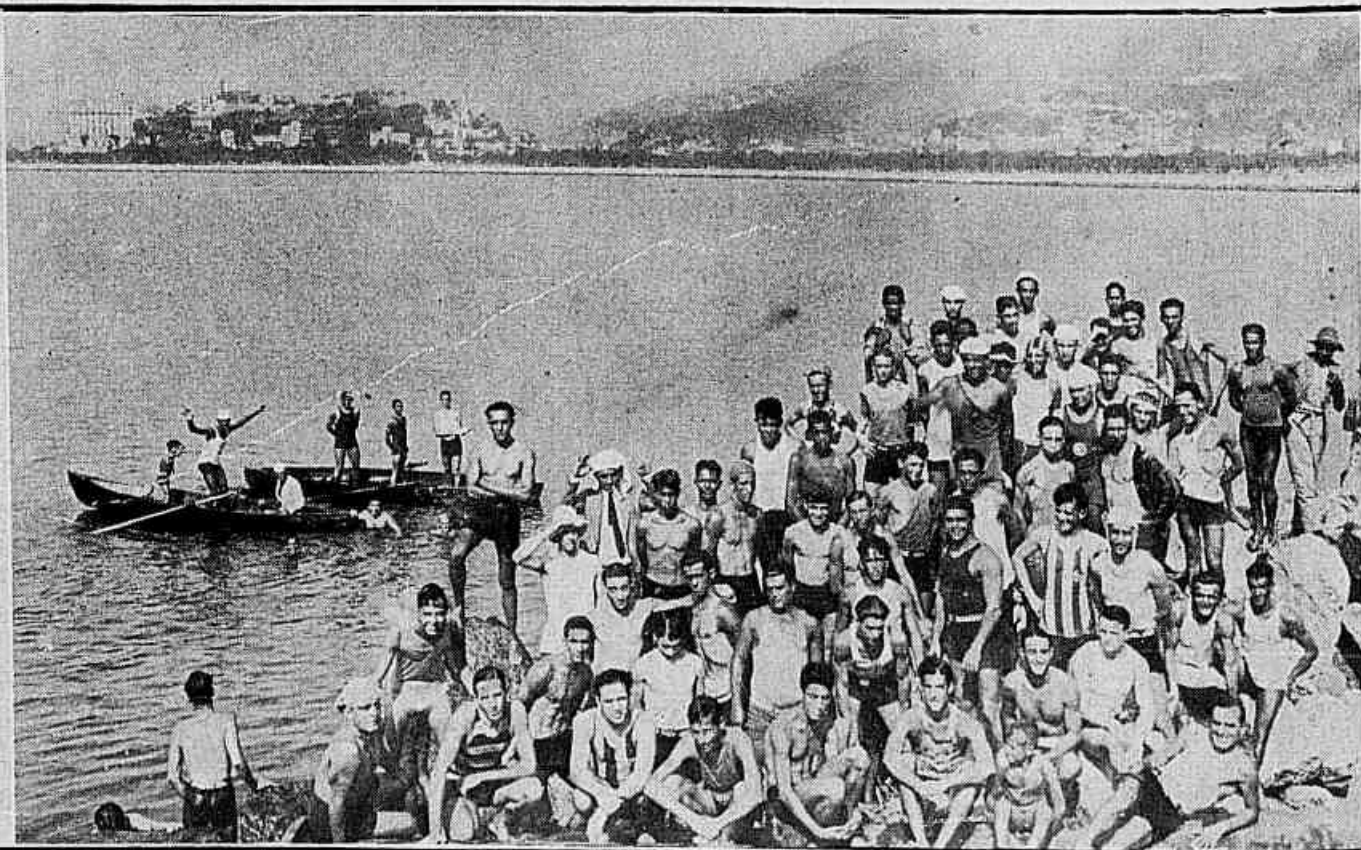
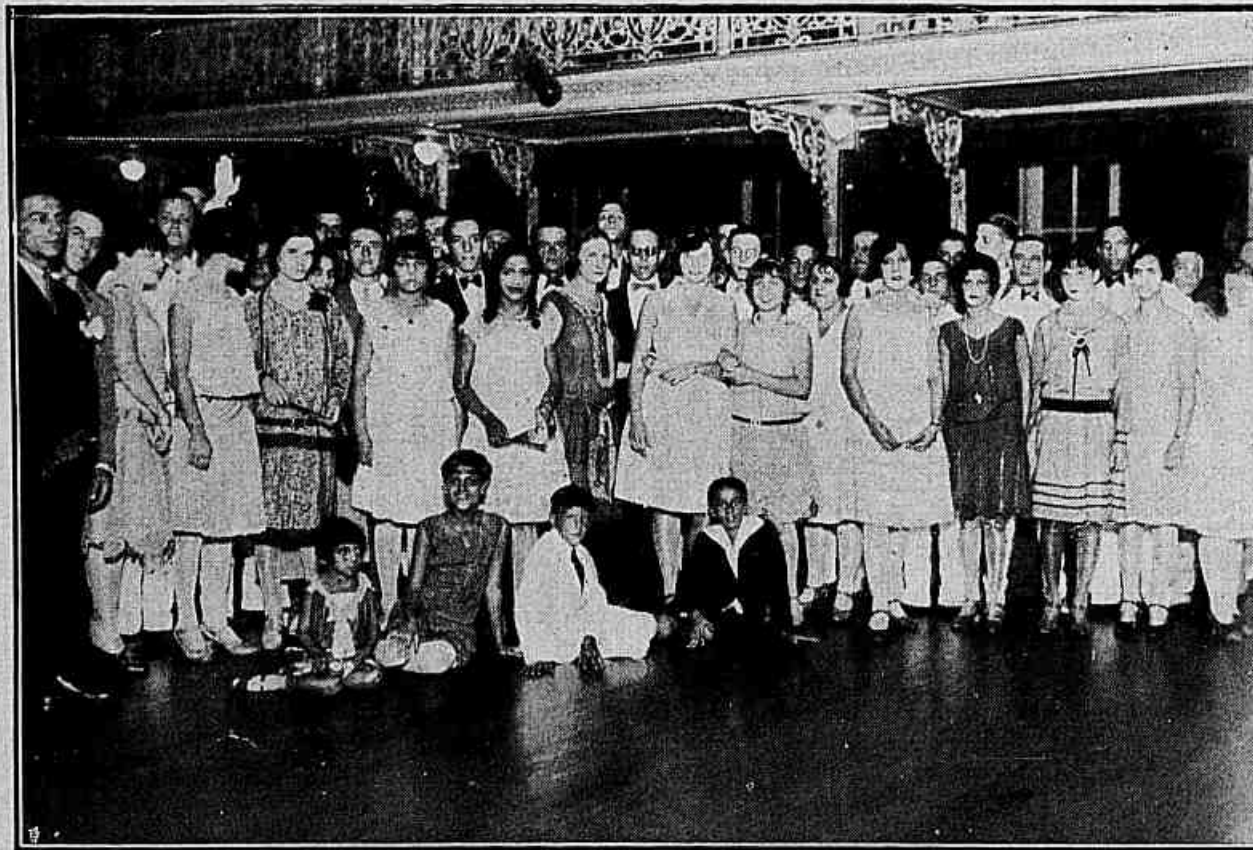
S. M. o Rei Christiano X, da Dinamarca, vem de agraciar com o grande officialato da Damebrags o dr. Amilcar Marchesini, o illustre moço e fino *gentleman* que com tanto brilho exerce o cargo de director dos serviços Legislativos da Camara dos Deputados.

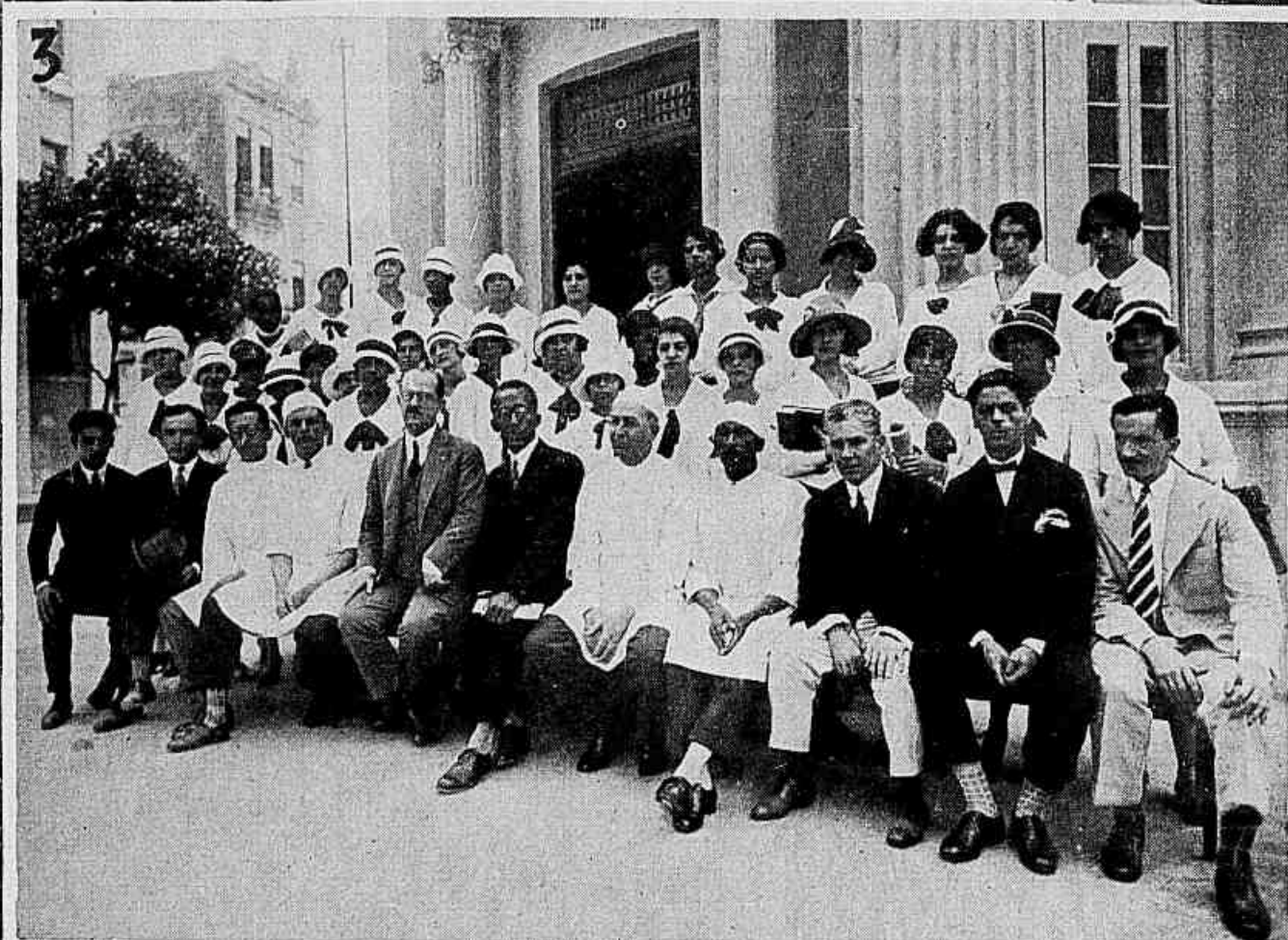
A TERRA TREMEU

As surprezas do noticiario que a imprensa fornece aos leitores culminaram na semana transacta com o tremor de terra sentido na Amazonia e, quarenta e oito horas depois, reproduzido no nordeste brasileiro.

Só os estudiosos poderão dizer com justeza das razões que presidem ás grandes mudanças que se vêm mostrando no nosso planeta, principalmente em climatologia. Os leigos, esses sentem que, em verdade, ha uma série de phenomenos que se observam com surpreza,com a sua côr intensa de ineditismo, e não lhes encontram a razão de ser. As terras vulcanicas são ferteis em terremotos e não ha quem se admire do registro dos movimentos sismicos em regiões semelhantes; a constatação de tremores de terra em territorio brasileiro é, porém, um phenomeno extranho.

Já não será um visionario ou um louco aquelle que imaginar, para algumas dezenas de annos, uma Russia escaldante e um Sahara branco de neve, porquanto as variações climatericas e outros phenomenos congeneres já não permittem — pelo menos aos leigos — o rigorismo das previsões mathematicas.

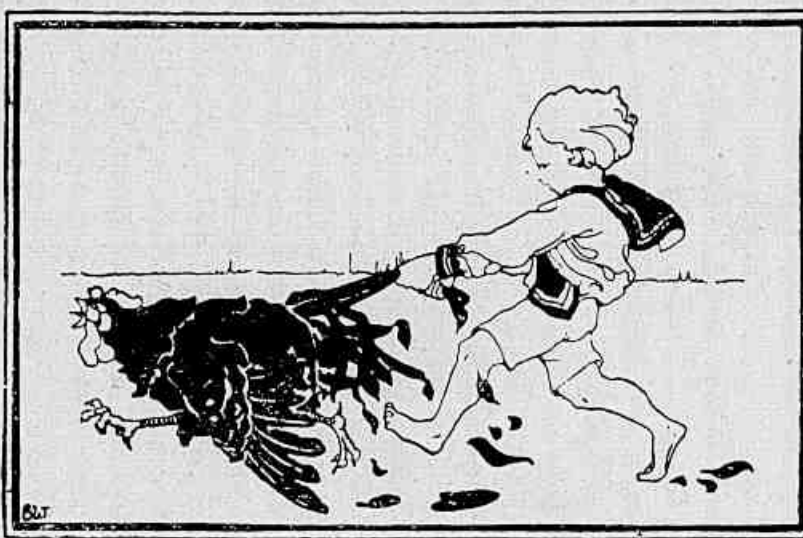
Jantar commemorativo do 3.° anniversario da formatura dos contadores da turma de 1925.

A grande festa allemã realizada no Club Gymnastico Portuguez por iniciativa da "Deutscher Sangerbund Brasilien. A' esquerda: o grupo lyrico fazendo-se ouvir; á direita: aspecto da assistencia, vendo-se no primeiro plano, de branco, o sr. Hubert Knipping, ministro da Allemanha, tendo á direita, o ministro Victor Konder.

A' esquerda: Matinée dansante promovida em commemoração do anniversario do C. R. Boqueirão do Passeio; á direita: competição aquatica promovida pelo mesmo motivo pelos socios da prestigiosa aggremiação do remo.

O 3º ANNIVERSARIO DA ASSISTENCIA DENTARIA INFANTIL

1 e 2 — Aspectos da sessão solemne realizada na Assistencia Dentaria Infantil, em commemoração da passagem do 3º anniversario da sua fundação. 3 — O professor Athos de Mattos em companhia de uma turma de alumnas da Escola Normal, em visita á Assistencia Dentaria, durante a Semana da Hygiene Dentaria Infantil. 4 — Grupo de creanças á porta do humanitario Instituto. 5 — O professor Frederico Eyer, tendo á direita o nosso companheiro dr. Alexandrino Agra, entre senhoras, senhorinhas e pessôas gradas, na solemnidade de abertura da Semana de Hygiene Dentaria Infantil. 6 e 7 — Dois aspectos do chá-dansante realizado pelas Damas da Bondade no Club dos Bandeirantes, pelo 3.º anniversario da Assistencia Dentaria Infantil.

DIABINHOS...

POR BEATRIZ DELGADO

HA quem apresente o senhor Diabo como um cavalheiro irreverente, de attitudes perversas e de sobrolho franzido. Eu não; tenho delle uma idéa muito differente e, até, muito lisongeira. Se elle existe, como parece confirmar-se por alguns homonymos que apparecem na terra..., deve ser um bonito rapaz, taful e leviano, cruel e intelligente, mas tambem um pouco ingenuo. E só assim se comprehende que houvesse creado as mulheres que, afinal, passam a vida inteira a vencel-o nas artes machiavelicas de seduzir e de espalhar um pouquinho de maldade, com a mesma calma e indifferença com que põem nos labios uma camadita de carmim.

Entretanto, Nosso Senhor para nos dar prazer e ao mesmo tempo para nos arreliar um bocadinho, envia-nos, de vez em quando, uns anjos mascarados de diabretes. São os bébés. Com os seus olhos ingenuos e maliciosos, com a graça dos seus cabellos louros, pretos ou castanhos, com as suas boccas de romãzita entreaberta, provocam as maiores tropelias e conseguem que as pessôas grandes lhes sejam, ainda, agradecidas pelos bons momentos que lhes proporcionam... Com uma desenvoltura satanica, quebram, estragam, gritam, tyranizam e fazem-se perdoar! A sua curiosidade instinctiva leva-os a abrir o ventre dos bonecos e, quem sabe?, ensina alguns diabos grandes a fazerem o mesmo ás victimas do seu odio ou da sua ganancia. Atormentam os animaes para os verem agitar-se e para ouvir como elles *falam*, porque a exhuberancia dos poucos annos necessita de barulho e de movimento. Affeiçoam-se aos animaes porque, inconscientemente, percebem que é preferivel a dedicação delles do que a de alguns outros meninos. E se, ás vezes, vão comer o doce da despensa ou as fructas da arvore, são levados pelo instincto que os guia para o perigo, como se os seus pequeninos corações lhes dissessem : aprende a ser destemido e audacioso, porque a vida é feita para os fortes e aventureiros.

As crianças *bôasinhas*, aquellas que não fazem tropelias, tornam-se no futuro uns sêresinhos inoffensivos, nem bons nem maus, e que pertencem á collecção dos mediocres. E o espirito dos bébés? Onde vão elles encontrar a sahida a tempo, a desculpa perversa á força de innocente, o beijo ou o abraço que faz a mamã perdoar a diabrura commettida? Quem ensinou esse pedacinho de gente a possuir a logica ou o argumento decisivo que vence o mais astuto advogado? Com certeza o diabo, visto que no Paraiso só existem os meninos bons... E quem resiste a umas mãos pequeninas e brancas que se erguem, supplicantes, para uma vitrine bem ornamentada? Quem póde fugir á convicção duns ossos infantis, dilatados pelo desejo de obter aquelle cavallo de pasta ou aquella bonequinha de louça? E os meninos pobres? Aquelles que param, desejosos e, sem o saber, já revoltados contra as agruras da vida que deu tantos doces bons e tantos brinquedos lindos a certos bébés, emquanto outros, egualmente pequeninos, morrem sem nunca terem sentido o prazer de ter tudo isso. E o Natal que vem pela mão dum velho de longas barbas brancas trazer surprezas a uns, emquanto olvida o numero da porta de outros? Meu Deus! por que existem meninos pobres?

Diabinhos travessos! Vestidos de rendas caras ou de farrapos grosseiros, com o rosto sujo ou com a cara empoada, pela mão duma mamã amiga ou vagabundeando pelas ruas da cidade, alimentando-se de farinhas caras ou de pão duro, com um beijo na bocca ou com uma obscenidade nos labios, são estes os melhores diabinhos, os mais sympathicos propagandistas da Bondade eterna e da eterna Belleza, porque é nas almas infantis que se encontra a divina sinceridade do Mal ou a rara graça do Bem.

E que o senhor Diabo envie muitos diabinhos como esses, para amenizar a aspera penitencia da vida...

TYPOS RUSSOS

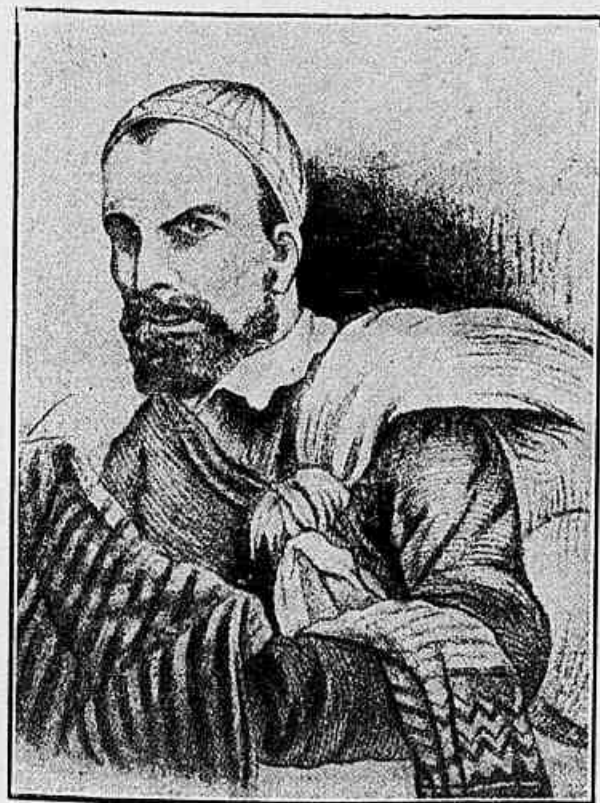
por Sofia Casanova

Tartara rica de Nijni-Nowgorod.

A SUPERFICIE da Republica das Republicas sovieticas não revela, ao que a observa como espectador, nem o volume da sua grande corrente tormentosa nem os germens do cataclysmo que, rompido o frio plano superior, appareceria irreductivel.

Entre os cento e cincoenta milhões de sêres constitutivos do Estado vermelho, ha-os das mais diversas raças, como o mongol ou o rutheno, ou como o tartaro e o judeu. O rebanho maximo é indigena; mas tambem nas steppes, a pastar, quando chega o verão e correm as aguas espelhantes dos rios, incitando á alegria, as mansas bestas humanas abrem os olhos adormentados e depois, na suja estreiteza dos redís, anseiam e sonham, esperam a vinda do Czar ou a de Christo...

Os mahometanos do Caucaso, da Criméa, do Khanato além Volga de Kazan, não se reduzem ao sovietismo doutrinario, porque a sua religião, os seus costumes e o seu temperamento os isola, refractarios ás utopias européas. Os tartaros, creaturas honradas e praticas, são solidos negociantes, e suas mulheres, filhas ou irmãs perpetuam a tradição musulmana de obediencia ao dono e senhor no retiro hermetico do lar.

Aldeãs da região do Volga lavando as roupas.

Mercador tartaro de brocados caucasicos.

Aldeões de terra a dentro das planicies barbaras do Volga e dos confins siberianos, que impressão de lastima e de medo deixastes na minha alma!

Todas as possibilidades do instincto existem latentes nos russos que a *wodka* insensibiliza e a hibernal soledade adormece.

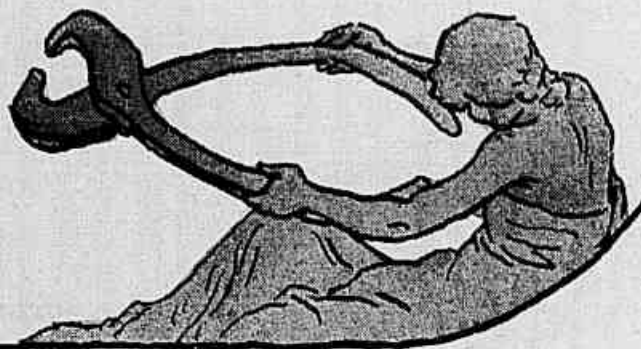
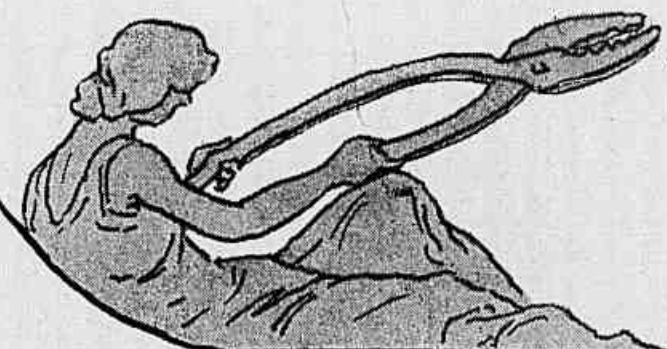
Mas nas massas de rudimentar mentalidade serpeia tambem, em determinadas occasiões, a inconcreta rebeldia, que se exprime com a astuta accommettida individual, ou com arrancada collectiva de breve duração, porque o moscovita fraqueia na persistencia do esforço.

Nos casarões, nos palacios de hontem, os typos da escravidão, que eram tão varios e pittorescos, desappareceram ou se transformaram ao serviço dos novos amos. E a *niania*, a velha ama secca, resadora, chorona, sensivel, e tola, mas fiel e humillima, que era uma instituição; domestica e tradicional nas casas burguezas ou dynasticas, vive attonita, aparvalhada, deante do que vê nas modernas vivendas das cidades, ou cuidando nos asylos da prole bolshevista, que tem por pae commum o bondoso Estado vermelho.

SOFIA CASANOVA

Mulher tartara bordando a ouro os kolpaks (gorros com que se atavia).

A typica *niania*, instituição domestica.

Aldeões das steppes de Moscou.

O DENTE
O primeiro dente
-"Cadê o ratinho?"
Dente canino
Dente incisivo
Oculto por elipse
Dente panéla
Dente são, tendente a molar
Raiz quadrada para a extração
3ª ou 4ª dentição...
RAUL

JORNAL DAS FAMILIAS

MODAS • COSTURAS E BORDADOS ▪ A VIDA NO LAR ▪ RECEITAS E CONSELHOS PRATICOS ▪ ECONOMIA DOMESTICA E ALIMENTAÇÃO

A MODA

Na sua linha geral, as novas collecções não nos revelam novidades sensacionaes, apenas detalhes originaes, indicações preciosas que as nossas elegantes aproveitarão. Os vestidos da noite depois de terem oscillado entre muitas maneiras de encurpridar um pouco suas saias, parece ter adoptado, pelo menos por agora, a linha mais comprida atraz que na frente. Os vestidos são muito ajustados nas cadeiras, e a roda das saias é obtida por numerosos godets, que começam abaixo das cadeiras. Todas as elegantes toilettes para a noite são feitas com combinação de filó com setim, assim como o crêpe Georgette e a mousseline de seda; nessas novas collecções foram vistos muitos vestidos de voile de seda para a noite. Esses vestidos leves não têm muitas vezes outra guarnição senão uma grande flôr de strass collocada na cintura. Os collares ainda são usados, mas a moda é agora sobretudo para os broches e fivellas de pedrarias que guarnecem os vestidos. As pulseiras tambem são muito usadas; põem tres ou quatro em cada braço. Muitas elegantes adoptaram a moda de usar os antigos collares como pulseira, enrolando-os em volta do braço.

Nos manteux para a noite adoptaram naturalmente o mesmo movimento, curto na frente e comprido atraz; são muitas vezes formados por uma pala arredondada que contorna os hombros, e na qual se vem prender o corpo do manteau, que se alarga com franzidos godets ou pregas. Nesses manteux, as gollas são sempre bastante volumosas e notam-se muitas misturas de branco e preto: golla de arminho, manteau de velludo preto.

As nervures continuam a ser a guarnição preferida

ULTIMOS MODELOS

1 — Vestido de crêpe de Chine, a saia roxa, a blusa branca com desenhos lilaz e roxos. 2 — Vestido de crêpe Georgette branco, a saia plissada e a blusa guarnecida com nervures. 3 — Vestido de crêpe de Chine verde resedá, a saia é terminada por festões debruados com o proprio tecido. 4 — Vestido de crêpe de Chine branco, guarnecido com viezes e faixa de seda rosa claro. 5 — Vestida de crêpe de Chine cinzento, saia plissada.

MODA INFANTIL

1 — Vestido de crêpe de Chine rosa claro; o bordado é feito sobre crêpe de Chine branco com seda côr de rosa. 2 — Vestido de voile de fantasia. 3 — Vestido de mousseline de seda branca bordado com guirlandas de seda branca. 4 — Vestido de crêpe de Chine de fantasia, guarnecido com viezes de seda preta. 5 — Vestido de shantung beige, e guarnições bordadas com sedas de tons vivos.

para os vestidos da tarde; guarnecem os vestidos em parte ou cobrem inteiramente. São dispostas de muitas maneiras differentes: atravessadas, verticaes envìezadas, em leque, em quadrados ou em V. Alguns dos novos modelos são guarnecidos com diversos generos de nervuras; por exemplo, um vestido de crêpe de Chine biscuit tem seu corpo trabalhado com nervures enviezadas que partem do hombro esquerdo para irem-se abrir em leque no lado direito, emquanto que o lado esquerdo é todo listado por nervures horisontaes.

O corpo liso já viveu, annunciam-nos colletes, gollas, jabots e palas muito variadas cujo formato arredondado, drapée ou amarrada atraz, renovará o aspecto dos vestidos. As mangas tambem guarnecem-se com detalhes ineditos, serão terminadas no pulso por um galão bordado ou um trabalho de soutaches; a manga lisa e ajustada com a qual estamos habituadas desde algum tempo, guarnecer-se-á no ante-braço com muitas ordens de babadinhos que se vão alargando para o cotovello. Predizem o proximo successo dos plissados; nos nossos vestidos da tarde, guarnecerão as blusas desde a golla até a cintura, ou formarão gollinhas leves. Esses plissés dispostos em muitas ordens sobrepostas, fecharão os decotes muito abertos. Os vestidos com decote quadrado tambem são guarnecidos com esses plissés.

As côres preferidas actualmente são primeiro o cinzento, cinzento rato, cinzento beige, cinzento fumée e outros cinzentos misturados com côr de rosa, azul ou lilaz, os beiges claros e os verdes pallidos. A' noite são usados os tons rosados, bis, ocre, champagne, banana, biscuit, os tons dourados misturados com o rosa e um verde vivo.

PROBIDADE ARTISTICA

Existem muitos artistas que não ficam satisfeitos com as obras que fizeram mesmo quando são apreciadas pelo publico. Observa-se sobretudo esse caso entre os pintores, e os exemplos são mais ou menos numerosos daquelles que destroem as suas obras que não lhes agradam mais.

O pintor Vlaminck, que gosa actualmente de uma fama invejavel, decretou que sua producção anterior a 1914 não valia nada.

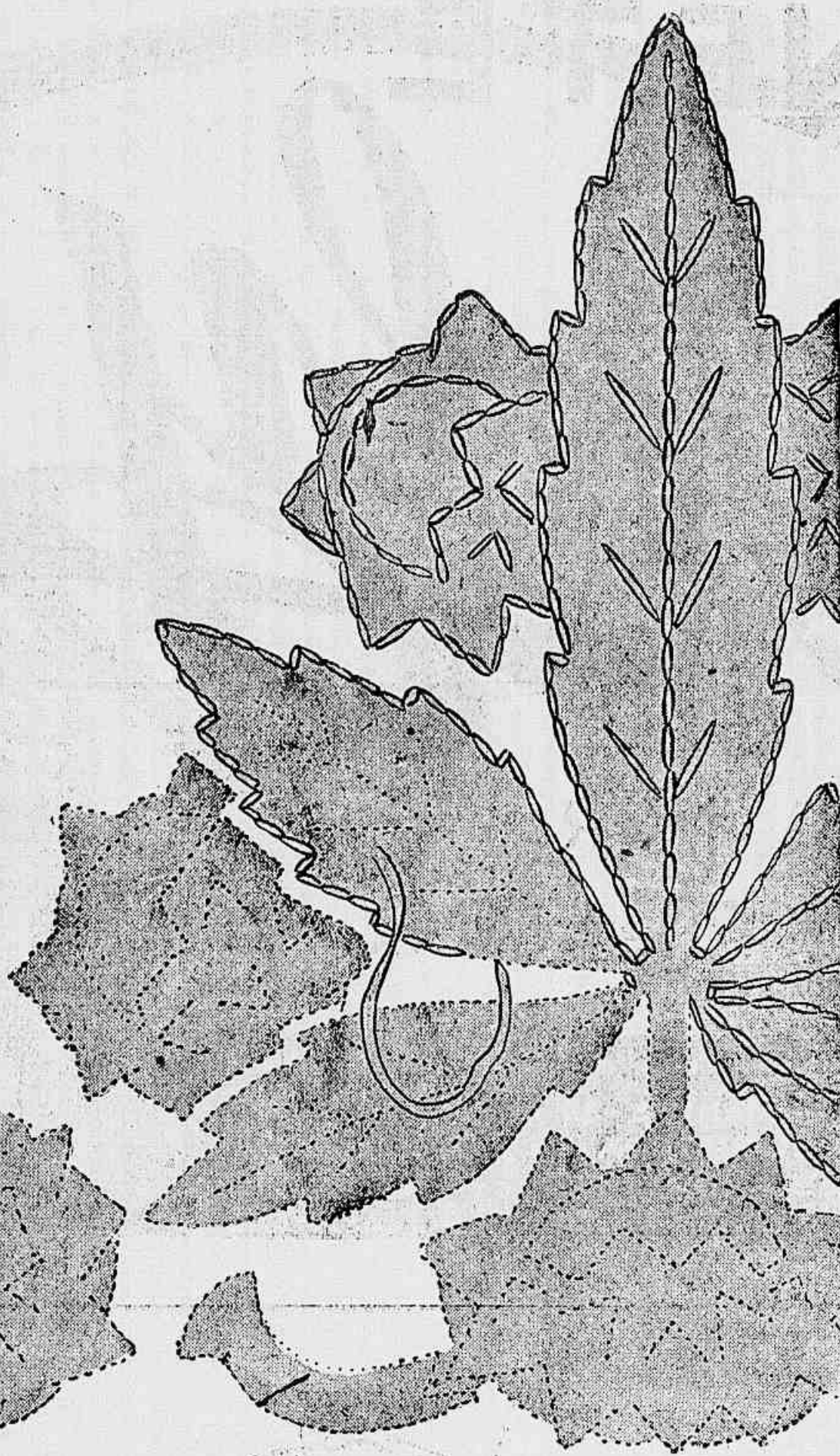
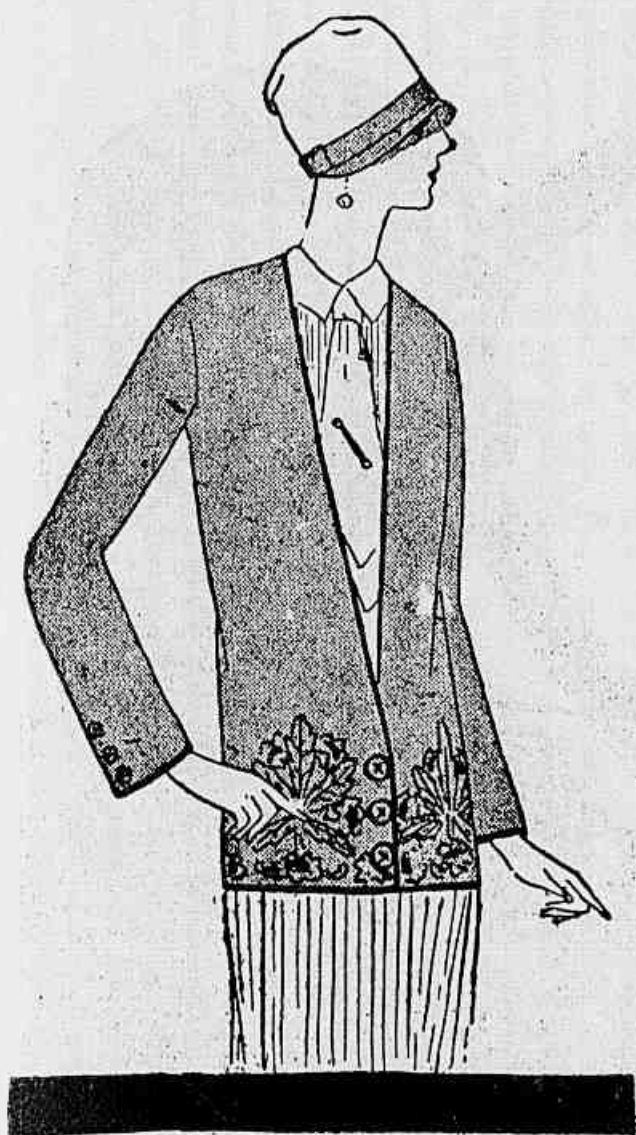
Vlaminck foi procurar o grande negociante de quadros que tinha feito um grande stock de seus quadros e disse-lhe pouco mais ou menos o seguinte:

— O senhor possue algumas telas minhas... Sem razão ou com razão, acha que tem valor. Mas essas telas não valem nada... Desejava obtel-as novamente para destruil-as.

O outro protestou que eram obras de arte — e que, além disso, cada uma valia bem a bagatella de cinco ou seis notas de mil francos.

— Umas pelas outras qual é seu preço? perguntou Vlaminck.

Chegaram afinal a um accordo no preço. Vlaminck pagou, e levou as telas para queimal-as...

CASACO BORDADO

Este casaco póde ser feito no tecido e côr que se quizer; o desenho será feito no tecido que se vae applicar, se este fôr um tecido que não desfie, póde ser cortado certo e applicado no casaco, passsando antes de bordar um ponto de alinhavinho com seda ou linha bem da côr do tecido, não só nas bordas como em todas as linhas do desenho, para que o tecido applicado não fique franzido. As côres que devem melhor convir para este casaco, quando este acompanha um vestido branco, são: jade, amonde, coral, azul lavande ou mauve.

CONSELHOS SOCIAES

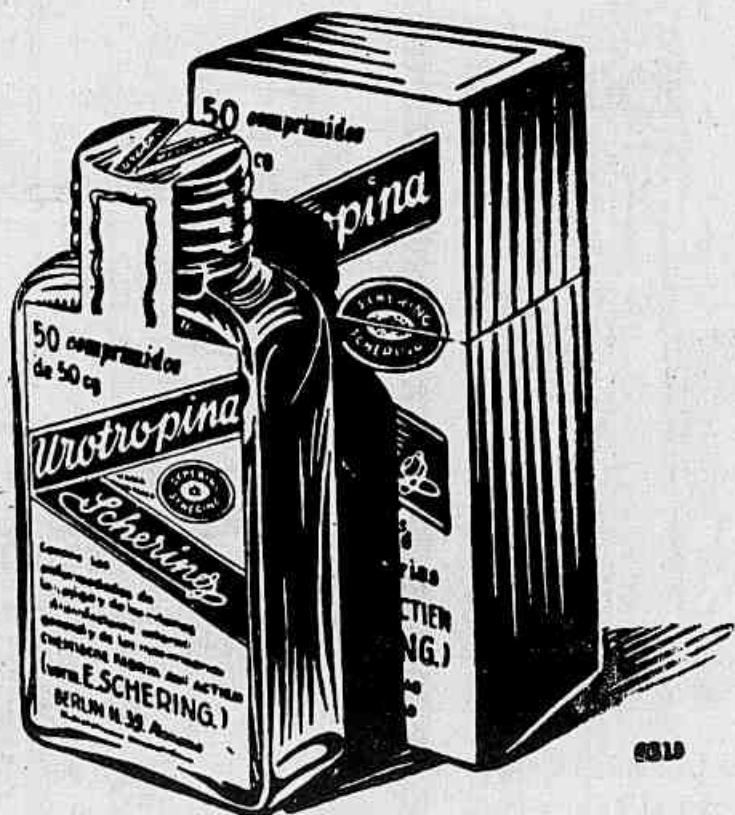
BONDADE ENFEITE DA VELHICE

A bondade diz bem em todas as idades e, sobretudo, naquella em que se encontra mais desprovida de seducções e de encantos exteriores. Prolonga nossa mocidade intellectual e moral; conserva nos rostos envelhecidos um irresistivel attrativo, enfeitando-os com a doçura e a benevolencia.

E' uma qualidade natural: mas póde no emtanto ser adquirida ou, pelo menos, ser augmentada com o exercicio de uma disciplina moral. Poucas pessoas nascem mesmo más; poucas são as que não possam melhorar. Com a idade em geral tem-se mais horas de descanço: por que não empregal-as em nosso aperfeiçoamento, quando não se tem mais a desculpa de ser levada por um turbilhão de trabalhos e obrigações?

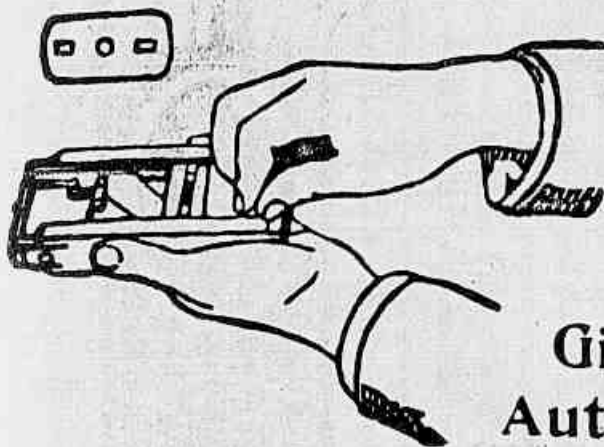
Lucraremos de não vivermos mais isoladas e tristes, porque a bondade irradia, attrahe e retem em volta della as affeições e sympathias. Mas não deve ser ella a indulgencia senil que sorri beatamente e fecha

os olhos para gozar da sua tranquillidade. Não é tambem uma abdicação; conserva o prestigio da autoridade dando-lhe um novo encanto. A verdadeira bondade não dispensa a abnegação que nos velhos cujo egoismo inconsciente é provocado por um enfraquecimento das suas faculdades; constitue um grande merecimento.

Como é commovente a delicadeza de uma pessoa de idade que não quer afligir os que a rodeiam com o espectaculo ou a descripção dos seus males, das suas pequenas enfermidades, dos seus desgostos, pela recordação incessante de um passado que julga incomparavel porque é o da sua mocidade. Como é triste as lamentações de algumas pessoas de idade irritadas, que criticam com rancor fazendo comparações desagradaveis... Como obtem muito mais as boas avós que aconselham docemente e conseguem pelo carinho o que nunca obteriam com os ralhos. Como é interessante o espectaculo de uma cabeça de cabellos de neve inclinando-se para os rostos radiantes, procurando encontrar nelles suas caras recordações! E' um grande erro da velhice não procurar comprehender a mocidade; são o que foi ella mesma antes que a experiencia e os desgostos tivessem diminuido seus enthusiasmos; que ouça portanto as juvenis confidencias cheias de esperanças; que não derrame sobre essas flôres prestes a desabrocharem a amargura das suas decepções! Por todos os meios deve procurar que sua companhia seja um prazer e não um penoso dever para os que a rodeiam.

NOSSA ALIMENTAÇÃO

A FEIRA DOS PRESUNTOS OUTRÓRA EM PARIS

A Feira dos presuntos é a mais antiga das feiras de Paris. Antecedeu-a a celebre Feira Saint-Germain, a Feira de Saint-Ovide e mesmo a Feira du Landit de Saint-Denis estabelecida, dizem, pelo rei Dagobert. Começou na época em que uma abstinencia rigorosa era observada durante todo tempo da quaresma e o presunto servia para "desquaresmar"; era então apresentado as bençãos da Igreja e antigos rituaes conservam a formula usada nessa occasião. A' quinta-feira da Semana-Santa, o adro de Notre-Dame era occupado por uma quantidade de mercadores que guarneciam de folhagem, de flôres, de guir-

landas de papel dourado e prateado os presuntos, as salsichas e outra peças de salsicharia, arrumadas com arte.

Do adro de Notre-Dame, a Feira dos presuntos foi transferida para o caes des Grands-Augustins, depois para o faubourg Saint-Martin, em seguida para o boulevard Bourdon.

Os productos vindos da provincia affluiam a Paris na terça, quarta e quinta-feira santa, e formavam um opulento mostruario que se estendia da praça da Bastilha á ponte de Austerlitz.

Essa Feira que sobreviveu ás outras, tinha uma tão grande popularidade, que attrahia todas as donas de casa e todos os curiosos de Paris.

MENU DE JANTAR

SOPA DE CRÊME DE CHICOREA

PEIXE COM MOLHO BECHAMEL

BATATAS COSIDAS

GALLINHA RECHEIADA

SALADA DE ALFACE

CRÊME DE AMENDOAS COM AMEIXAS

BOLO AUSTRIACO

SOPA DE CREME DE CHICOREA

Põe-se numa panella um pouco de manteiga (40 grs.) com 35 grs. de farinha de trigo, depois junta-se, misturando bem com uma colher de páo, meio litro de caldo, de preferencia de gallinha. Tempera-se com sal. Juntam-se as chicoreas picadas (4), e que já foram cosidas em agua durante uns quarenta minutos pouco mais ou menos. Deixa-se cosinhar em fogo brando uma meia hora, depois passa-se por um passador ou peneira. Põe-se essa purée na panella ao fogo e junta-se um quarto de litro de leite. Um instante antes de servir liga-se duas ou tres gemmas que foram desfeitas num pouco de leite e 50 grs. de manteiga.

PEIXE COM MOLHO BECHAMEL

Depois do peixe escamado e limpo, corta-se em pedaços iguaes, tirando-lhe as espinhas; salpica-se com sal e deixa-se estar no sal um quarto de hora; depois lavam-se os pedaços do peixe e enxugam-se em um panno, pondo-os em seguida numa frigideira com um pouco de manteiga derretida. A frigideira vae ao forno brando para assar, mas não deve ficar corado. Um quarto de hora antes de servir, cobre-se o peixe com môlho Bechamel, um pouco de queijo ralado e por cima manteiga derretida, e leva-se ao forno para corar. O môlho Bechamel é feito da seguinte maneira. Picam-se duas cebolas, refogam-se com bastante manteiga, juntam-se uns galhos de salsa e uma pitada de pimenta; estando bem refogado junta-se então um bom punhado de farinha de trigo, ligando-a bem com o refogado, em seguida ir-se-lhe-á deitando leite as pequenas quantidades até que a farinha fique bem cosida e forme um crême; estando assim, tira-se para fóra do fogo e liga-se com algumas gemmas de ovos, tempera-se com sal e passa-se numa peneira.

GALLINHA RECHEIADA

Depois da gallinha limpa e temperada enche-se-a com o seguinte recheio: Pica-se uma cebola pequena, um bom pedaço de presunto, os miudos da gallinha, um pedaço de carne de porco na falta

BLUSAS E COLLETES

1 — Blusa de cretone de fantasia, jabot de voile branca. 2 e 3 — Colletes. O primeiro de crêpe de Chine cinzento claro com barra azul marinho; o outro de seda branca com fita estreita preta ciré, uma rosa bordada guarnece o bolso. 4 — Blusa de crêpe de Chine branco, guarnecida com tiras de preguinhas applicadas com pontos abertos. 5 — Blusa de toile de seda branca, com palla e pregas. 6 — Blusa de crêpe de Chine vermelho, guarnecida com tiras em diagonal e jabot. 7 e 8 — Colletes. O primeiro de crêpe beige, uma tira de crêpe claro termina; e soutache a botões castanho escuro. 9, 10 e 11 — Blusas singelas, de voile, bordada e pontos abertos, de cretonne e de jersey listado. 12 — Blusa de crêpe de Chine branco guarnecida com pontos abertos e jabot plissado.

esse leite mais outro copo de leite, engrossa-se com uma colherinha de maizena e tres gemmas e assucar. Logo que esse crême estiver frio, arruma-se num prato que possa ir ao forno; em seguida põe-se uma camada de crême, outra de ameixas pretas cosidas na calda, até acabar os dois ingredientes; a ultima camada deve ser de crême. Cobre-se com suspiro e vae ao forno um instante.

BOLO AUSTRIACO

Quatro ovos, uma chicara de mel, duas chicaras de farinha de trigo, uma colher das de sopa muito cheia de manteiga, uma colher das de sobremesa de fermento inglez. Bate-se muito bem o mel com a manteiga, batem se as gemmas e as claras separadamente, misturam-se bem com a manteiga batida com o mel e por ultimo a farinha de trigo que foi peneirada com o fermento. Põe-se a assar em fôrma untada com manteiga.

PENSAMENTOS

Não é muito habil mostrar-se muito perspicaz com as mulheres, a não ser que seja para advinhar o que lhes agrada.

*

Haveria menos mulheres enganadas, se ellas pudessem preferir um homem que as ama áquelle que ellas amam.

X.

desta qualquer outra carne serve; põe-se sal, uma pitada de pimenta, tomates sem a pelle nem as sementes e ovos cosidos, tudo muito bem picado, juntam-se tambem algumas azeitonas. Põe-se a gallinha dentro de uma panella sobre fatias de toucinho inglez, molha-se com tres chicaras de caldo e um calice de vinho do Porto, umas cebolinhas inteiras, alguns tomates, tampa-se a panella bem e põe-se para cosinhar em fogo regular. Depois que se tira a gallinha o môlho é côado para por-se na môlheira.

CREME DE AMENDOAS COM AMEIXAS

Socam-se num gral 250 grs. de amendoas pelladas. Põe-se para ferver essa massa de amendoas com um copo de leite; côa-se o leite depois de ter fervido bem e espreme-se bem num panno para tirar todo o gosto das amendoas, junta-se a

Preceitos de hygiene

O TRATAMENTO DAS UNHAS

As unhas têm suas pequenas miserias que as impedem de ser perfeitas.

Passaremos em revista quaes são essas miserias e quaes são os remedios que temos para evital-as ou remedial-as.

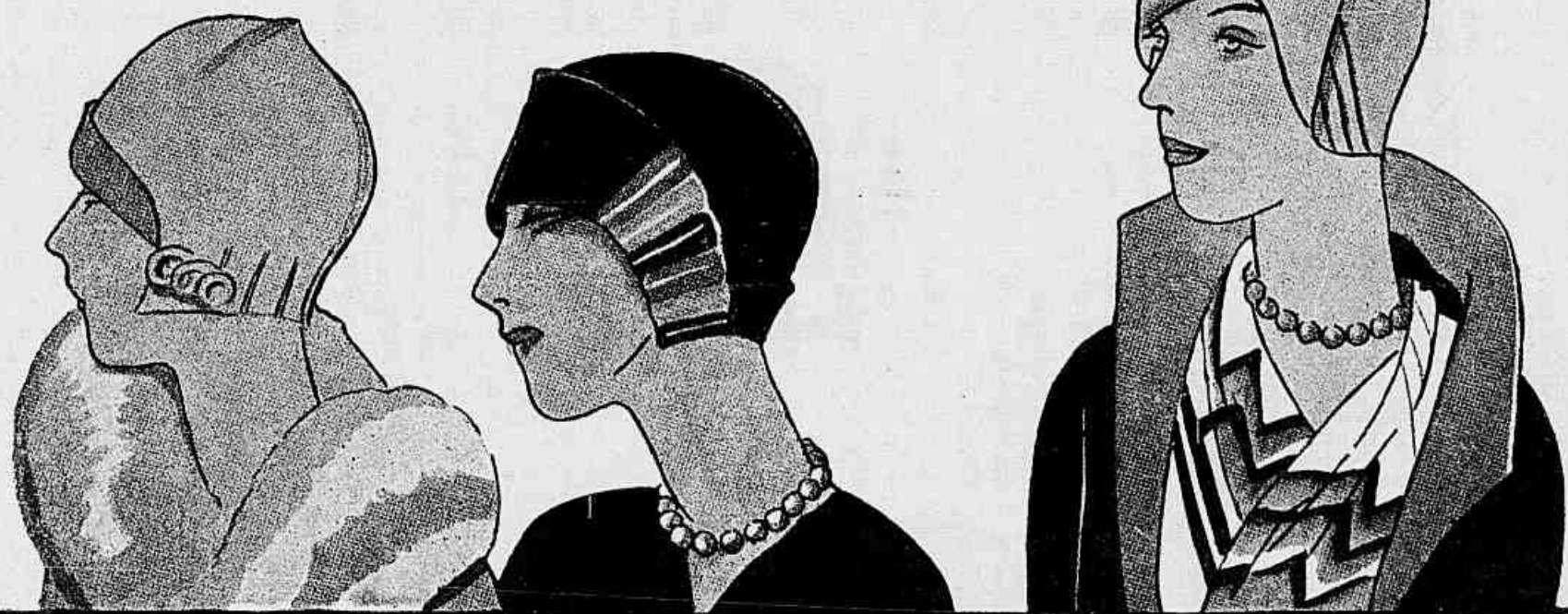
Acontece muitas vezes serem ellas quebradiças, muito frageis. Aconselham para tornal-as mais fortes, untal-as com a seguinte mistura:

Celopheno, 1gr,25, Alumen, 0,gr50, Oleo de amendoas doce, 8 grs.

Todas as noites põe-se para dormir luvas cujas pontas dos dedos estão untadas assim como as proprias unhas com essa bemfazeja mistura.

As pessoas que têm as unhas fracas, que crescem muito lentamente, e que não permitte cortal-as graciosamente em feitio de amendoa, aconselham de preparar uma pomada de oleo de amendoas doces, cera virgem e gemma de ovo, depois untar todas as noites a ponta dos dedos e as unhas. Dizem que essa receita dá muito bons resultados.

Para acabar com as pelles que crescem em volta das unhas, deve-se banhar a ponta dos dedos na agua de alumen morna, depois mettel-as dentro de um meio limão cortado de fresco. Esta receita feita diversas vezes durante a semana, dá muito bom resultado e tendo ainda a vantagem de clarear a parte baixa das unhas e tornal-as brilhantes.

Quando as unhas têm manchas brancas — o que

indica, diz a lenda, mentiras! — póde-se fazer desapparecer este inconveniente, empregando a seguinte mistura:

Rezina e tintura de myrrha em quantidades iguaes. Unta-se com ella as unhas á noite. As unhas muito polidas devem ser levemente coloridas com carmim liquido e depois polidas com o polidor de camurça.

Não devemos deixar de nos referir ao grande defeito tão nocivo á belleza: a onycophagia!

Essa palavra barbara, talvez seja desconhecida de algumas pessoas, mas o diccionario explicará que indica o habito de roer as unhas, que infelizmente é bastante commum nas creanças. Mania desastrosa que enfeia as mãos e deforma os aedos. E' preciso luctar com toda a energia, não consentir que a creança tome este habito e quando já o adquiriu, combatel-o por todos os meios. Os meios mais empregados e que dão sempre resultados quando são empregados com persistencia, são as infusões amargas e muito desagradaveis de gosto, nas quaes faz-se mergulhar as extremidades aos dedos dos roedores de unhas. E agora, para terminar estes conselhos, diremos que é muito melhor empregar pós e pomadas que o verniz para lhes dar brilho; salvo nos casos que se tem de sahir de repente e quer se ter as unhas brilhantes. O verniz, com effeito muito bonito como aspecto, embacia a unha com o uso e torna-a quebradiça.

A inflammação do intestino

RESULTADO DE INCOMMODOS DIGESTIVOS.

A inflammação do intestino ou enterite deve muitas vezes a sua origem a incommodos do estomago que foram desprezados. Um estomago que funcciona mal dá ao intestino um trabalho supplementar e nefasto cujo primeiro effeito é a inflammação. Assim, pois, se V. S. soffre do estomago, seja em que gráu fôr, evite as consequencias graves tomando meia colher de café de Magnesia Bisurada n'um pouco d'agua depois das refeições. A Magnesia Bisurada neutralisa o excesso de acidez estomacal, suavisa as paredes inflammadas do estomago e permitte aos alimentos serem digeridos completa e normalmente antes da sua passagem pelo intestino onde são definitivamente assimilados. O melhor modo de se evitar as affecções intestinaes é de se cuidar do estomago, e a Magnesia Bisurada que se acha á venda em todas as pharmacias é um remedio soberano contra os incommodos digestivos.

:: Variedades ::

O GENIO NAS FAMILIAS NUMEROSAS

O numero dos nascimentos diminue entre povos que estão na frente da civilisação; este facto não deixa de inquietar todos áquelles que constataram que os ultimos filhos de uma familia são geralmente melhores dotados que o primeiro ou segundo filho. Tiraram a conclusão que a atmosphera de uma casa cheia de creanças é muito favoravel ao desenvolvimento das qualidades positivas. Naturalmente, os que se occupam com as estatisticas, foram interrogados. O professor G. Lockemann expoz os resultados de vinte annos de estudo na "Sociedade de historia das sciencias naturaes, da medicina e da technica". Seus archivos provam que o fundador da chimica industrial, Robert Boyle, era o decimo quarto de uma numerosa familia; o chimico Scheel, que vivia no seculo XVIII, era o setimo de dez filhos; Mendelejew, o decimo quarto; Liebig, o segundo de dez; Emil Fischer, o oitavo. Eram filhos unicos : Hans Sachs, Kastner, Herbart, Gauss, Grabbe, Thackeray e Ed. von Hartman. No emtanto, o numero de personagens que se distinguiram pertencendo a numerosa familia é muito grande, sobretudo no decorrer dos seculos precedentes : Kleist era o quinto; Blucher, o setimo filho; Mozart, tambem ; Haendel, o decimo; Wagner, o nono; Lamarck, Irving, Cooper, eram os decimos primeiros. Mas muitos homens de genio, eram, no emtanto, os primeiros filhos de uma familia numerosa. Citemos: Jean Paul, Ranke, o mais velho de sete filhos; Bee-

Enlace do dr. Paulino da Rocha Freytag, medico, filho do general Rocha Freytag e de d. Dolores Freytag com a senhorinha Alda Bergamini de Abreu, filha do sr. Americo de Abreu, do commercio desta praça, e d. Annita Bergamini de Abreu.

CONSELHOS PRATICOS

Limpeza das molduras douradas

Para limpar as velhas molduras douradas é preciso primeiro tirar com toda a paciencia toda a poeira que está mettida dentro das guarnições e frisos, empregando-se para isso uma escova macia. Em seguida lava-se com agua de sabão.

Quando as molduras estão muito sujas, limpam-se então com a mistura de 10 ou 15 grs. de agua sanitaria e com duas claras muito bem batidas; esfrega-se a moldura com essa mistura, depois enxuga-se e esfrega-se com uma camurça; com esse processo não corre tanto o risco de sahir o dourado como com a agua e sabão.

Para concertar os vidros arranhados

Se um espelho ou um vidro foram arranhados em seguida a um accidente qualquer, faz-se desapparecer esses arranhões, applicando o vermelho d'Inglaterra desfeito num pouco de espirito de vinho.

thoven, o segundo de sete, como Dickens o era de oito e Hayden de doze; Durer, o terceiro de dezoito.

Preciosos candelabros

Um desgraçado russo que se tinha refugiado em França, tinha guardado preciosamente dois candelabros de prata, que guarneciam o seu quarto de creança, outrora na Russia...

Morrendo de fome e ameaçado de ser expulso do lugar onde morava, foi obrigado a ir a um ourives offerecer os candelabros, presente dos mineiros do Oural ao seu avô.

— Mas isso não é prata! — disse o ourives.

— Como, é possivel? — disse angustiado o outro.

— E' platina massiça do Oural e valle mais de dez milhões!

CONSULTORIO DA MULHER

Mme. Selda Potocka, antiga assistente da clinica do dr. Buchener, de Londres, responderá a todas as consultas sobre tratamento da pelle e do cabello e hygiene da mulher. Dirigir correspondencia para a Rua Paysandú 111, Rio de Janeiro.

Annita — Todas as noites friccione os seios com um lenço embebido em agua morna, a que deve juntar o *Perfume Selda* em partes eguaes. A nação é um exercicio que muito lhe convem.

Elisa — Em resposta á sua consulta, transcrevo o trecho da carta d'uma consulente minha. Desde de tres mezes de tratamento persistente, obtive a cutis sadia que tanto ambicionei. Sinto que lhe devo a gratidão para sempre. Só quem tiver uma pelle crivada de cravos como foi a minha saberá o que eu soffri. A *Loção de Cravos*, a *Pomada de Cravos*, o sabonete Sylkale e o *Pó de Arroz Hygienico*, foram os remedios beneficos da minha pelle.

Sena Vara — O sabonete e agua limpam apenas a pelle na superficie. Mas para conservar a belleza e frescura da cutis, torna-se imperativo nutril-a e vitalisal-a. A textura da pelle é variavel. Ha a pelle secca, oleosa, clara, morena, fina, grossa. Esses defeitos não existem apenas na superficie. Deve tornar-se o habito regular de cada mulher, a massagem diaria com o *Crême de Massagem*. Nada nutre tanto a pelle como este crême. Depois da massagem feita e lavado o rosto com sabonete *Sylkale*, juntando á agua o *Tonico da Pelle*, o rosto rejuvenesce, a pelle torna-se alva. Tenho a certeza de que as rugas são devidas a seccura da pelle. A *Loção de Embellezar a Pelle* cura e evita as rugas. Para conservar a belleza da pelle, deve-se humedecel-a bem todas as noites antes de se deitar, com a *Loção de Embellezar*, principalmente em volta dos olhos. Durante o dia applique varias vezes a *Loção Adstringente* e o *Pó de Arroz Hygienico*.

Christiana — Pode colorir perfeitamente os seus labios com o rouge *Poziomka*. Como fixativo do pó de arroz adopte o *Crême Neve*. O mesmo pode ser applicado no pescoço e nos braços. Assim se evita o queimado do sol e se conserva a pelle na plenitude da sua saúde.

Miss Betty — Minha *Loção para as Pestanas* destina-se a fazer crescer as pestanas. Cada noite ao deitar-se, com uma pequena escova impregnada de loção, passa-se sobre uma rolha queimada, alisando depois com ella os silios, desde a palpebra até as extremidades.

Branca — Depois do banho friccione o corpo com um panno humido com *Perfume Selda*, cuja acção sobre a pelle evita a flacidez dos tecidos.

Mme. T. A. — A acção da minha *Tintura* é permanente no cabello em que foi uma vez applicada. Quando as raizes se mostram embranquecidos, estas devem ser recoloridas. O tom louro fica no seu tom natural.

Mme. M. D. — E indispensavel lavar a cabeça de 8 em 8 dias com *Shampoo-Pó* e friccional-a diariamente com o *Tonico n. 9*. A caspa cura-se radicalmente. A queda cessa e o cabello torna-se macio e abundante.

Mlle. Torres — Meu *Dentifricio* conserva o esmalte dos dentes e fortifica as gengivas.

Nicia — Para clarear a pelle do rosto, braços e pescoço, varias vezes ao dia humedeça a pelle com a *Loção Adstringente*, enxugue-a e applique o *Pó de Arroz Hygienico*. Obterá o tom lacteo.

SELDA POTOCKA

CONSULTORIO ODONTOLOGICO

Toda a correspondencia para esta secção deverá ser enviada para o consultorio do cirurgião-dentista ALEXANDRINO AGRA, *á rua Rodrigo Silva, 28-1.° andar. — Telephone 1828 Central. — Rio de Janeiro.*

UM CONSELHO POR SEMANA

A hygiene bucco-dentaria, principalmente na infancia, representa papel importantissimo na conservação da saúde.

Toda mãe deve assistir a limpeza dos dentes de seus filhos, obrigando-os a escoval-os pela manhã, á noite, e si possivel fôr, após ás refeições.

***

V. I. (Minas Geraes) — O collega encontrará o livro que deseja na casa Hermanny.

Fernando de Almeida Cardoso (Rio Grande do Norte) — O bicarbonato de sodio, por exemplo.

Lara do Amaral (Minas Geraes) — Tintura de iodo, 3 vezes por semana.

Gonçalves Neves (Minas Geraes) — O exame radiographico é, a meu vêr, indispensavel.

Si desconfia que o cliente é diabetico, exija exame de urina, antes de intervir.

Delmo Vianna (Minas Geraes) — Compressas quentes na região inflammada.

Um Collega (S. Paulo) — As obras do eminente professor Coelho e Souza, não só são conhecidas no Brasil como fóra delle. No Uruguay é o seu Manual Odontologico officialmente adoptado nas escolas, o que constitue um justo orgulho para todos nós. E' o eminente professor um pesquizador paciente de tudo que se relaciona com a Odontologia, sendo muito apreciados os seus estudos recentemente feitos e publicados em livro sobre dentaduras.

E', incontestavelmente, um dos maiores vultos da odontologia patria.

Bento Ribeiro de Almeida (S. Paulo) — Extracção da raiz do premolar.

Com anesthesia não deve temer a dôr.

Vicente Felicio de Albuquerque (Minas Geraes) — Prova radiographica.

Narciso (Rio G. do Norte) — 3 por semana, no maximo.

C. V. U. N. (S. Paulo) — Antes das refeições, de preferencia.

Herculano Sampaio (Rio Grande do Sul) — Não aconselho para o fim em que me falla em sua carta.

2.° — A sanadentina, por exemplo.

Assumpção Rosa (Alagoas) — Bochechos quentes com infusão forte de malvas.

Um collega (Rio G. do Sul) — Lembra ao medico a Estovaina que é menos toxica que a cocaina, possuindo ainda acção vaso-dilatadora, segundo alguns autores.

F. I. L. A. N. (Rio G. do Sul) — Depois das refeições.

Valhan (Capital) — Não deve sentir difficuldade.

Carlos Lontra (Rio) — Lave a cavidade com alcool, por exemplo.

ALEXANDRINO AGRA.